

O Pensamento Vivo de

OSWALD DE ANDRADE



Edição ILUSTRADA

O Pensamento Vivo de **OSWALD DE ANDRADE**

Coordenação Editorial
Martin Claret

Pesquisa, Organização,
Notas e Biografia
Cristina Fonseca

Programação Visual e
Planejamento Gráfico
Luiz Carlos Rufo



Martin Claret Editores

OBRAS COMPLETAS DE OSWALD DE ANDRADÁ

Romances

Os Condenados (ou *Alma*) (1922)

Memórias Sentimentais de João Miramar (1924)

Estrela de Absinto (1927)

Serafim Ponte Grande (1933)

A Escada Vermelha (1934)

Marco Zero — vol. 1 *A Revolução Melancólica* (1943); vol. 2 *Chão* (1946)

Obs.: *Os Condenados*, *Estrela de Absinto* e *A Escada Vermelha* formavam inicialmente a *Trilogia do Exílio*. *Marco Zero* ficou incompleto.

Teatro

Mon Coeur Balance e Leur Âme (2 peças em francês, em colaboração com Guilherme de Almeida) (1916)

O Homem e o Cavalo (1934)

A Morta (1937)

O Rei da Vela (1937) (escrita em 1933)

O Rei Floquinhos (1953) (para crianças)

Poesia

Pau-Brasil (1925)

Primeiro Caderno do Aluno de Poesia Oswald de Andrade (1927)

Poesias Reunidas (incluindo *Cântico dos Cânticos para Flauta e Violão*) (1945)

Ensaaios e Polêmicas

Análise de Dois Tipos de Ficção (1933)

Meu Testamento (1944)

Ponta de Lança (1945)

A Arcádia e a Inconfidência (1945)

A Crise da Filosofia Messiânica (tese acadêmica) (1950)

Um Aspecto Antropofágico da Cultura Brasileira:

o Homem Cordial (1950)

A Marcha das Utopias (1954)

Memórias

Um Homem Sem Profissão. Publicado o primeiro volume: *Sob as Ordens de Mamãe* (1954)

Crônicas

Telefonemas (publicadas na coluna homônima do *Correio da Manhã*, do Rio)

Manifestos

Pau-Brasil (publicado junto com o livro de poesia homônimo) (1925)

Manifesto Antropofágico (publicado no nº 1 da *Revista de Antropofagia*) (1928)

ÍNDICE

Idealização da Coleção O Pensamento Vivo	9
Oswald por Ele Mesmo	13
Biografia	21
Cronologia	39
Oswald Visto pelo Mundo	49
Pensamentos	67
Curiosidades	99
Bibliografia	108



IDEALIZAÇÃO DA COLEÇÃO O PENSAMENTO VIVO

A “Galáxia de Gutenberg” continua expandindo-se em todas as direções do conhecimento humano. O homem moderno é, cada vez mais, um produtor e um consumidor de informações.

Vivemos e nos movemos na plenitude da Era da Informação. A sobrevivência humana, hoje, exige estas irreversíveis condições: máxima informação, máxima atualização e máxima essencialização. Em duas palavras: o máximo de qualidade num mínimo de quantidade. Neste trabalho editorial buscamos realizar esse ideal.

Há vários gêneros de biografias: histórica, romaneada, fotográfica, de idéias e outras. Nossa proposta é a biografia de idéias, conservando os fatos históricos essenciais.

Procuramos apresentar esta coleção de Vidas Imortais numa diferente perspectiva editorial. O material biográfico recebeu um novo método de informação: popularização, condensação e visualização. Idealizamos superar o esquema da biografia linear e tradicional.

Popularizar é, para nós, tornar viável — didática e economicamente — ao gran-

de público, o acesso à vida e ao pensamento de homens e mulheres que mudaram o rumo da história da humanidade.

A condensação, às vezes, é conceituada negativamente. Nada mais injusto. O inverso é o certo. A condensação nos prepara para consentir-nos no que é essencial, libertando-nos do supérfluo ou secundário.

A programação visual e o projeto gráfico mereceram extremo cuidado, no sentido de oferecer ao leitor um livro onde forma e conteúdo se completam harmoniosamente.

O pensamento do Ocidente e do Oriente, através das idéias mais importantes e fundamentais de homens que mudaram o nosso modo de pensar — e continuam a influenciar a mentalidade e a ação de povos e nações de nossos dias —, pode, agora, chegar a todos com mais facilidade e por um custo menor.

A coleção O Pensamento Vivo é composta de 3 módulos e cada módulo contém 12 volumes altamente essencializados.

Este livro
começa onde
o leitor o abrir.
Ele não tem
início nem fim.
Serve para o leitor
“iniciar-se” na vida
do Pensador
e também
para ir além
do Pensador.

A periodicidade é mensal, com venda em bancas e livrarias.

No primeiro módulo apresentamos: Einstein, Chaplin, Freud, Picasso, Buda, Marx, Nietzsche, Gandhi, Da Vinci, Jung, Maquiavel e Darwin. Agora, no segundo módulo, temos perfeita alegria em oferecer aos nossos leitores, mais os seguintes pensadores: Orson Welles, Fernando Pessoa, John Lennon, Jorge Luis Borges, Che Guevara, Villalobos, Sócrates, Brecht, Isado-

ra Duncan, Galileu Galilei, Glauber Rocha e Lenin.

A Filosofia, a Política, a Ciência, as Artes, a Economia, o Humanismo, a Religião, a Psicanálise, a Antropologia e muitos outros segmentos do conhecimento humano estão aqui representados pelos seus melhores mestres.

Observamos hoje, no Ocidente, o ressurgimento de interesse por doutrinas vagas, obscuras e experimentalmente errôneas, que implicam ausência de espírito de luta e um desvio de energias tão necessárias à nossa sobrevivência e aperfeiçoamento. São doutrinas límbicas, ou seja, originadas apenas do hemisfério cerebral direito. Contudo, a ciência moderna tem apontado que a abertura para um futuro brilhante da humanidade reside certamente no total funcionamento do neocórtex — razão complementada pela intuição.

Podemos e devemos — como todos os grandes pensadores — pensar e agir a nível global. Como eles, devemos nos utilizar, harmoniosamente, do hemisfério esquerdo do nosso cérebro (que está relacionado com o pensamento

lógico, racional, analítico), e do hemisfério direito (que está relacionado com a intuição, criatividade e imaginação).

Toda criatura humana é um ser que nasceu para vencer, para realizar seu potencial como criatura-criadora. Mas, para facilitar esse trabalho de auto-aperfeiçoamento ela precisa de um modelo ou paradigma. Estas biografias de homens e mulheres que venceram em suas respectivas áreas de atuação são indispensáveis estímulos motivadores.

Pesquisadores, professores, estudantes, e todos aqueles que buscam a leitura pelo prazer, encontrarão, nestas biografias essencializadas, valiosas informações e um iluminado modelo de viver e de pensar.

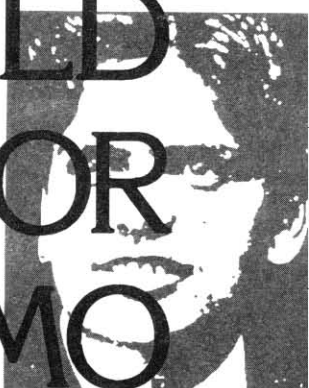
É um livro criativamente motivador.

Pensar é causar.

Martin Claret



“Só a Antropofagia
Socialmente.
Economicamente



OSWALD POR ELE MESMO





rio dos açoreanos, donde veio meu ramo paterno. É natural, pois, que dentro de mim se debatam o trabalhador e o aristocrata, o homem da rua, que atravessa na frente dos automóveis para não parar e o enlevado que quer ficar em casa, escrevendo ou lendo”.

“O Meu tipo psicológico é, segundo uma classificação toda minha, pedagógico. Gosto de propor os meus pontos de vista, ensinar o que sei, ainda que errado, e intervir mesmo no que não sei.

Sou sentimental, inquieto e agrário. Talvez por isso tivesse me casado e divorciado diversas vezes... Ainda sob o aspecto psicológico, faço fiado facilmente. Quero dizer que tenho a fé abundante. Cheguei a acreditar até em banqueiros. Como reação posso atingir o cinismo, nunca o ceticismo. Este traria num tipo como o meu o suicídio. Na solidão, sou soturno e hamléutico. Em público, afirmativo e solar. Fui preguiçosamente esportivo, pratiquei o futebol, a natação e o boxe.

Quando digo (...) que foi o povo quem desceu em São Vicente, é porque meus antepassados também desceram lá, há quatrocentos anos. E eu sou povo. Do lado materno venho de uma decadência faustosa de guerreiros, os ‘fidalgos de Mazagão’, a quem D. José I mandou dar de presente um pedaço do Amazonas. Esses senhores meus avós, segundo me informou Gilberto Freyre, eram de uma indolência desoladora para a colonização. O contrá-

Supersticioso e religioso de formação, nunca perdi essas taras, mesmo adotando um credo materialista.

Tenho poucos amigos e numerosos inimigos. Sou mais amigo da verdade do que de Plauto. Principalmente quando Plauto é canalha e a verdade é gozada.”

11 de Agosto. Nunca advoquei. Continuei jornalista. Publiquei, com Guilherme de Almeida, o meu primeiro livro em 1916. Duas peças em francês. Foi representado um ato de *Leur Âme* por Suzane Desprès, no Teatro Municipal de São Paulo. Com a maior e mais justa indiferença do público e da crítica.”

“Nasci em São Paulo, na atual Avenida Ipiranga, nº 5 (primitivo) ao meio-dia de 11 de janeiro de 1890. Bacharel em Ciências e Letras pelo Ginásio de São Bento, onde ouvi de um velho professor, que se chamou Gerônimo de Araújo, que ia ser escritor. Isso decidiu em 1907 a minha vocação e a minha carreira. Passei a comprar livros, a ler e escrever, a estudar. Logo que pude, entrei para um jornal. *O Diário Popular* publicou em 1909 meu primeiro artigo: *Penando*, uma reportagem da excursão do presidente Afonso Pena aos Estados do Paraná e Santa Catarina.

A muito custo, bacharel em Direito pela Faculdade de São Paulo em 1919. Orador do Centro Acadêmico

“É preciso, (...) que saibamos ocupar nosso lugar na história contemporânea. Num mundo que se dividiu num combate só, não há lugar para neutros ou anfíbios. Já se foi o tempo em que, sorrindo dos que lutavam sem tréguas e muitas vezes sem esperança, os estetas se divertiam, dizendo aos católicos que eram comunistas e a estes, que eram católicos. O papel do intelectual e do artista é tão importante hoje como o do guerreiro de primeira linha.

“Se alguma coisa eu trouxe das minhas viagens à Europa dentre duas guerras, foi o Brasil mesmo.”

Estou convencido de que só seremos felizes sobre a terra quando toda a humanidade, num mundo redimido, comer à mesa, com a mesma fome justa satisfeita, sob o mesmo tendal de fraternidade e de democracia.”

“Quem sabe
Se algum dia
Traria
O elevador
Até aqui
O teu amor”

(Oferta)



“Tomei parte em alguns conflitos públicos, dois quando dirigia o jornal *O Homem do Povo*, em, 1931(...). Enfrentei duas vaias, a da ‘Semana de Arte Moderna’, no Teatro Municipal de São Paulo, e a do Congresso da Lavoura, em 1929. Esta última foi provocada porque propus que os latifundiários paulistas dividissem os lucros da terra. A mesa pediu a minha expulsão da Assembléia.”

“É preciso compreender o modernismo com suas causas materiais e fecundantes, hauridas no parque industrial de São Paulo, com seus compromissos de classe no período áureo-burguês do primeiro café valorizado, enfim com o seu lancinante divisor das águas que foi a Antropofagia nos prenúncios do abalo mundial de *Wall-Street*. O modernismo é um diagrama da alta do café, da quebra e da revolução brasileira. Quando o Sr. José Américo de Almeida mostrou a senda nova do romance social, se tinham já di-

vidido em vendavais políticos os grupos literários saídos da *Semana*. A *Semana* dera a ganga expressional em que se envolveriam as bandeiras mais opostas. Dela sairia o *Pau-Brasil*, indicando uma poesia de exportação contra a velha poesia de importação que amarrava a nossa língua. E de *Pau-Brasil* sairia na direção do nosso primitivo, do ‘bom canibal’ de Montaigne e Rousseau.”

“Viajei, fiquei pobre, fiquei rico, envievei, casei, divorciei, viajei, casei... já disse que sou conjugal, gremial e ordeiro. O que não me impediu de ter brigado diversas vezes à portuguesa e tomado parte em algumas batalhas campais. Nem de ter sido preso 13 vezes. Tive também grandes fugas por motivos políticos.”

“Do meu fundamental anarquismo jorrava sempre uma fonte sadia, o sarcasmo”.

“Começarei protestando contra a confusão que se faz entre a seriedade do espírito humano e, por exemplo, a sisudez de uma sessão acadêmica, com suas ratazanas fardadas e a coleção de suas carecas de louça. Ao contrário disso, nada mais sério que a blague de Voltaire ou de Ilya Ehrenburg, a fantasia de Joyce e o suspeito moralismo de Proust. Ser contra uma determinada moral ou estar fora dela não é ser imoral. Atacar com saúde os crepúsculos de uma classe dominante não é de modo algum ser pouco sério. O sarcasmo, a cólera e até o distúrbio são necessidades de ação e dignas operações de limpeza, principalmente nas eras de caos, quando a vasa sobe, a sublitteratura trona e os poderes infernais se apossam do mundo em clamor.”

“Quando, depois de uma fase brilhante em que realizei os salões do Modernismo e mantive contato com a Paris de Cocteau e de Picasso, quando, num dia só de débâcle do café em 29, perdi tudo, os que se sentavam à minha

mesa iniciaram uma tenaz campanha de desmoralização contra meus dias. Fecharam, então, um cochicho beijado, o diz-que-diz que havia de isolar minha perseguida pobreza nas prisões e nas fugas. Criou-se então a fábula de que eu só fazia piada e irreverência, e uma cortina de silêncio tentou encobrir a ação pioneira que dera o Pau-Brasil e a prosa renovada de 22. Tudo em torno de mim foi hostilidade calculada; aquilo que minha boa-fé pudera esperar dos frios senhores do comércio veio nos punhais de prata com que falavam os poetas, os críticos e os artistas.

Resignava-me o clima absoluto da solidão.”

“A Antropofagia foi, na primeira década do modernismo, o ápice ideológico, o primeiro contato com nossa realidade política porque dividiu e orientou no sentido do futuro.”

“Considero minha obra literária acima da compreensão brasileira.”

“Literariamente minha carreira foi tumultuosa. Pode-se dizer que se iniciou com a Semana da Arte Moderna, em 1922. Publiquei então *Os Condenados e Memórias Sentimentais de João Miramar*. Descobri o poeta Mário de Andrade, do que muito me honro. Iniciei o movimento ‘Pau-Brasil’ que trouxe à nossa poesia e à nossa pintura a sua latitude exata. Daí passei ao movimento antropofágico que ofereceu ao Brasil dois presentes régios: *Macunaíma*, de Mário de Andrade, e *Cobra Norato*, de Raul Bopp. O divisor das águas de 1930 me jogou para o lado esquerdo, onde me tenho conservado com inteira consciência e inteira razão...”

“Realizei doze travessias para a Europa. Conheci o Oriente Próximo, Atenas, Constantinopla, a Palestina e o Egito. Conheço bem o meu Estado, e pouco do Brasil — de Santa Catarina a Pernambuco e Mato Grosso. Fiz duas conferências, uma na Sorbona, que era Universidade de Paris, e outra em São Paulo,



no Sindicato dos Padeiros, Confeiteiros e Anexos. Morei quase sempre em São Paulo, na capital, como no interior e no litoral. Morei também no Rio de Janeiro e em Paris. Em palácios, ranchos e cortiços, grandes hotéis e quartos modestos.”

“Tenho três filhos e três netos e sou casado, em últimas núpcias, com Maria Antonieta d’Alkim. Sou livre-docente de literatura na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo.”

“Nada podemos esperar da Europa européia, para onde vivemos por tanto tempo voltados, com a luz de Paris em nossos espíritos. Foi uma época que terminou”.

(Fonte: Trechos retirados da nota autobiográfica escrita por Oswald e publicada pelo *Diário de Notícias* em 8/1/1950; também do texto osvaldiano *Elementos para um Retrato*, publicado na *Revista Leitura*, Rio de Janeiro., maio de 1943, ano I, nº 6, e de seus livros *Ponta de Lança* — e *Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias*; o texto *Meu Testamento* — indicações, vide biografia.)



BIOGRAFIA



Personalidade complexa, discutida, mítica e maldita, assim foi o poeta, romancista, dramaturgo e agitador cultural Oswald de Andrade, figura primordial do Modernismo de 1922 (ao lado de Mário de Andrade) e uma das personalidades mais vigorosas e inovadoras de nossa literatura.

Sempre à frente das vanguardas, de temperamento inconformista e irreverente, sua vida foi tão rica de acontecimentos, quanto sua

obra de talento e invenção. Vivo, logrou uma quantidade de inimigos, mas não o reconhecimento de sua produção. Seus últimos momentos, inclusive, foram de extrema solidão estética e moral: para os companheiros de geração ele não passou de um *blagueur* capaz de sacrificar uma amizade antiga por uma anedota. Seu nome foi praticamente excluído do mercado editorial (seu livro *Memórias Sentimentais de João Miramar*, por exemplo, lançado em 1924, só foi relançado depois de sua morte, em 1964). E ainda que tenha sido um dos responsáveis pela Semana de 22, no processo de consolidação do Modernismo, predominou o exemplo e a lição de Mário de Andrade, cuja figura de seriedade professoral, bom senso e cultura cativou definitivamente o respeito de seus contemporâneos e da intelectualidade estudantil.

Passados os primeiros e eufóricos momentos modernistas, onde se destacou como o grande animador, Oswald foi marginalizado pela crítica oficial, tido como um escritor irrealizado, maior do que a própria obra, alguém cujo gênio concentrou-se na

atuação e não na produção artística. O que dele ainda sobreviveu e se valorizou foi a aura de piadista fértil, dotado de uma personalidade fascinante, destino que só veio a se modificar dez anos depois de sua morte, em 1964, graças aos inúmeros ensaios críticos de revalorização de seus trabalhos empreendidos pelo professor e ensaísta Antônio Cândido e pelos poetas e ensaístas Augusto e Haroldo de Campos e Décio Pignatari. Isto sem contar o teatro de José Celso Martinez Correa, que em 1967 montou pela primeira vez a peça oswaldiana *O Rei da Vela*, divisor de águas da dramaturgia brasileira, e o movimento tropicalista, que descobriu o autor via Teatro Oficina.

Oswald redescoberto entrou definitivamente na corrente sanguínea da cultura nacional: teve seus livros reeditados, emparelhou-se em importância ao poeta Mário de Andrade e foi incorporado na mídia (cinema, música popular, teatro etc.). O escritor que, um dia desacreditado, afirmou “considero minha obra acima da compreensão brasileira”, jamais imaginou que ela seria a ponta de lança dos movimen-

tos de vanguarda dos anos sessenta, na música, no teatro e na literatura, encantando a todos que dela se aproximaram e que hoje começa a se evidenciar para as novas gerações com mais fulgor do que a própria obra de Mário de Andrade. Enquanto muitos de seus contemporâneos, respeitados no período, agora estão esquecidos, Oswald é nosso tempo.

Autor de uma obra variada, vasta e de qualidade desigual, onde se incluem teatro, prosa, poesia, memorial, ensaios, textos jornalísticos, conferências e teses de filosofia, no que se refere à prosa pode ser considerado, como diz Antônio Cândido, “um grande escritor de dois livros”. *Memórias Sentimentais de João Miramar* (1924) e *Serafim Ponte Grande* (1933). Seus versos estão reunidos em dois pequenos livros, *Pau-Brasil* (1925) e *Primeiro Caderno de Poesia do Aluno Oswald* (1927); escreveu também um longo poema, *Cântico dos Cânticos para Flauta e Violino* (1942) e um manuscrito inédito com poemas eróticos, produções essas que têm a mesma importância revolucionária que suas principais pro-

sas e que sua peça *O Rei da Vela*, no teatro. Seus manifestos, *Pau-Brasil* (1925) e *Manifesto antropófago* (1928), segundo Augusto de Campos á formulação mais consistente que nos deixou o Modernismo”, ao lado da *Revista de Antropofagia*, são divisores de águas da própria literatura brasileira. Em se tratando de Oswald, tudo pode interessar, mas esta seria a seleção mais rigorosa do que há de melhor dele.

José Oswald de Sousa Andrade nasceu sob o signo de Capricórnio, no dia 11 de janeiro de 1890, em São Paulo, capital, filho único de uma família abastada e extremamente religiosa. Sua mãe, Inês Inglês de Souza Andrade, amazonense do porto de Óbidos, era católica fervorosa e teve grande influência sobre o menino. Seu pai, José Nogueira de Andrade, natural de Baeependi, MG, trabalhava com corretagem de imóveis e chegou a ser vereador da cidade; além de participar da criação do Teatro Municipal, foi o responsável pela execução dos projetos de alargamento da Rua Líbero Badaró e construção do Viaduto de Santa Ifigê-

nia. A base da fortuna familiar vinha dos quarteirões inteiros do bairro Cerqueira César, de que eram donos.

Seus pais, já de idade quando Oswald nasceu, tinham como obrigação máxima os deveres religiosos; conseqüentemente a infância do menino foi cercada por muitos mimos, superproteção e inúmeras novenas, missas e solenidades católicas. O poeta, adulto, mesmo abandonando o catolicismo, manteve sempre um sentimento religioso do mundo, que chamou de sentimento órfico.

Oswald teve oportunidade de estudar em bons colégios da época, entre eles a Escola Modelo Caetano de Campos e o Ginásio de São Bento. Em 1909 matriculou-se na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, onde teve a pior decepção de sua mocidade, detestando-a desde os primeiros momentos: “(...) guardo um íntimo horror pela mentalidade da nossa escola de Direito. Por instinto e depois conscientemente, sempre repeli esse Direito ali ensinado para engrossar a filosofia de roubo que caracteriza o capitalismo”

— conta em seu livro de memórias. Apesar de ter-se formado, jamais advogou. Foi sempre, como se definiu, um “homem sem profissão”, e boa parte de seus conhecimentos, inclusive, não adquiriu em escolas, mas principalmente através das muitas viagens que fez à Europa, onde pôde estar em contato com todos os “ismos” do momento e manter relações com intelectuais como Cocteau, Picasso e Léger. O poeta, que sempre uniu mobilidade a liberdade, foi um viajante, e seus dois grandes livros, *Memórias Sentimentais...* e *Serafim...*, são livros de viagem.

Sobrinho do escritor Inglês de Souza, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, não causou estranhamento à família, quando, muito cedo, se declarou disposto a escrever. Seu primeiro conto surgiu aos doze anos de idade, *O Fantasma das Praias* (1902), na verdade plagiado de uma idéia de texto de seu primo Paulo, que também sonhava escrever. Foi no ginásio (1907) que um professor, Gervásio de Araújo, lhe deu o incentivo definitivo para dedicar-se à carreira.

“Coqueiros
Aos dois
Aos três
Aos grupos
Altos
Baixos”

(Longo das Linhas)



A primeira atuação pública de Oswald de Andrada se dará no jornal, o grande meio de comunicação da época (já que não existiam o rádio e a TV) e lugar propício para que os talentos se fizessem ouvir. O escritor, antes mesmo de ingressar na Facul-

dade, ligou-se a esse veículo e dele nunca se desligou completamente. Na verdade, jamais foi um jornalista típico; sua aproximação com a imprensa se deu no papel de agitador cultural, polemista hábil que soube usar suas colunas diárias para defender ou promover as vanguardas, provocar inimigos, apontar ou criticar assuntos culturais e políticos, já que por várias vezes sua vontade de transformação social o levou para o terreno áspero da atuação partidária.

O primeiro artigo de Oswald apareceu em 1909, no *Diário Popular*; era uma reportagem sobre uma viagem do presidente Afonso Pena ao Paraná e a Santa Catarina, e no título *Penando* trouxe a marca registrada do que desenvolveu como seu estilo: o chiste e a ironia. Recebeu, então, seu primeiro ordenado e acumulou as funções de repórter e crítico teatral. Dois anos depois, em 1911, funda, com financiamento do próprio pai, um tablóide, *O Pirralho*, que durou até 1917 com sucesso estrondoso e hoje é um importante documento de época. Nessa tumultuada e irreverente revista semanal, já com ten-

dências precursoramente modernistas, praticou o comentário crítico em torno de temas nacionais e estrangeiros, fazendo abordagens de assuntos de arte, literatura e política e divulgando, além de nomes consagrados, jovens artistas de talento como o cartunista Voltolino ou o escritor satírico Juó Bananere (pseudônimo de Alexandre Ribeiro Marcondes Machado), inventor de um dialeto ítalo-português, em que escrevia em sua seção "Cartas D'Abaixo Piques". O jornal, que politicamente defendia Rui Barbosa contra o militar Hermes da Fonseca, foi também um importante instrumento na campanha civilista, recebendo apoio financeiro do próprio Secretário da Justiça e Segurança, Washington Luís.

Nas redações um novo mundo se abriu ao adolescente preso à barra da mãe e ao puritanismo familiar: o da boêmia, da liberdade e libertinagem sexual, dos palavrões e imoralidades, segundo suas próprias palavras. Ele então se voltou para a rua, teve oportunidade de presenciar ao vivo grandes acontecimentos da história como a "Revolução da Chibata", primeira revolu-





ção política brasileira do século. Estava com vinte anos e começou a ter as primeiras e valiantes experiências amorosas com prostitutas, mas no íntimo continuou a ser o mesmo menino familiar, religioso, muitas vezes tolo e diverso ainda do lúcido anarquista rebelde em que se transformou. Intellectualmente ele já questionava o nosso ambiente exacerbadamente provinciano: em literatura, por exemplo, com exceção de Machado de Assis e Euclides da Cunha, nada lhe interessava, e a vida estudantil para ele não existia. Também não acreditava na moral do pecado. O primeiro passo na direção de um novo referencial aconteceu em sua primeira viagem à Europa, em 1912, onde, além de descobrir uma nova literatura e relações sociais mais livres, longe das malhas envolventes do aconchego materno, pôde levar “uma existência livre de artista, com amores também livres”, que sempre sonhou.

Oswald voltou mudado, e aqui também nada se achava igual. Encontrou sua mãe morta, o que representou uma grande perda para o poeta edipiano, mas também seu

descrédito definitivo ao catolicismo. A vida lhe sorriu para novos caminhos. Trouxe consigo sua primeira mulher, a francesa Kamiá, com quem não se casou mas teve um filho, José Oswald de S.A. Filho, o Nonê (1914), que arrebatou completamente o avô, agora viúvo e idoso. Trouxe também a lembrança da bailarina italiana de 16 anos, Lan-

da, que alguns meses depois veio ao Brasil tentar a sorte, para azar do poeta, pois, levado por uma paixão arrasadora e frustrado por ela, ganhou a antipatia do pai, brigou com Kamiá, saiu de casa, promoveu o rapto da menina e relegou a saúde. Seu próximo amor seria Deise, a “Miss Cyclone” da garçonnière que

abriu na Rua Líbero Badaró e que, sem ser bonita, encantou os anos 1917 a 1919, por sua liberação e facho de mulher intelectualizada. Deise ficou grávida e, não sabendo de quem era o filho, se do namorado Oswald ou de algum outro amante, optou pelo aborto, que, mal-sucedido, levou-a à morte. O casamento dos dois se deu “in extremis”, realizado no leito de hospital em que estava internada.

Nesse período insólito, boêmio, tumultuado, o poeta faz amigos no Rio, como Olegário Mariano e o mordaz Emílio de Menezes, e em São Paulo, como Monteiro Lobato, Cornélio Pires, Amadeu Amaral. Começou a escrever os romances *Os Condenados* e *Estrela de Absinto*; dedicou-se à composição de *Memórias Sentimentais de João Miramar*, cujos primeiros capítulos, bastante diversos do que seriam depois, chegou a publicar no tablóide *O Pirralho*. Como jornalista, entrevistou os bailarinos estrangeiros e mundialmente famosos, Ana Pavlova e Vaslav Nijinsk. Como escritor, recebeu a dançarina revolucionária Isadora Duncan, que encantou e chocou o mundo por suas idéias de liberdade e sua dança de pés nus, revigorando uma nova Grécia clássica adaptada aos tempos modernos. Tornaram-se amigos.

Conheceu também Mário de Andrade, Guilherme de Almeida (com quem escreveu duas peças em francês, *Mon Coeur Balance* e *Leur Âme*, pois, não acreditando no teatro nacional, tinha intenção de internacionalizá-las, o que

não aconteceu), Menotti Del Piccia, Di Cavalcanti e Anita Malfatti. Juntos realizaram o que ficou conhecido como Semana de Arte Moderna.

Os interesses do poeta, nesse momento, são quase exclusivamente literários e artísticos. Desfeito *O Pirralho*, começou a trabalhar na sucursal paulista do *Jornal do Comércio*, tendo condições de dar força às idéias modernistas: defendeu a pintora Anita Malfatti dos ataques de Monteiro Lobato, ridicularizou figuras proeminentes do parnasianismo e publicou apenas poemas “futuristas” do então desconhecido Mário de Andrade. Em 1922 tiveram início, no Teatro Municipal, os três festivais de arte, com música, pintura, escultura, literatura e discursos inflamados, inaugurando o Modernismo, marco da história da arte contemporânea brasileira e de uma nova mentalidade, entre nós, de busca de valores e modelos intelectuais tipicamente nacionais.

Oswald aí se encontrou. Transformou-se de fato num escritor e com sua obra e atitudes pessoais em-

preendeu a mais radical ruptura modernista com as tradições acadêmicas e passadistas. A instigação, os romances, os artigos desaforados, manifestos e poemas levados às últimas conseqüências, unidos à sua vivacidade de gênio explosivo e guerrilheiro cultural, fizeram não só de sua produção, mas também de sua postura, a melhor matriz do inconformismo e de uma visão de arte futura.

Depois da Semana de Arte Moderna o escritor voltou à Europa, onde se acostumou a passar férias, e seu Diário de Bordo é a prosa telegráfica *Memórias Sentimentais de João Miramar*, um livro fragmentário, que rompeu definitivamente com o modelo instituído pelo realismo. Novo retorno ao Brasil em seguida nova ida à Europa, mas agora à procura da pintora Tarsila do Amaral e para fazer contato com figuras destacadas das vanguardas européias. Lá fora Oswald descobriu a própria terra e na volta, em 1925, lançou o Manifesto *Pau-Brasil*, dando também início aos seus poemas-relâmpagos “Pau-Brasil”, onde promoveu a mistura da linguagem dos cronistas e jesuítas do

descobrimento com a linguagem coloquial do período.

Junto com Tarsila do Amaral, com quem esteve casado de 1926 a 1930, formaram o elegantíssimo casal que promovia efervescentes reuniões culturais em sua mansão da Alameda Barão de Piracicaba, em São Paulo. A propósito de um quadro de Tarsila, “Abaporu” (o homem que come), foi nele que o poeta se inspirou para realizar o movimento antropofágico, cujo Manifesto Antropófago (1928) gerou a importante *Revista de Antropofagia*, que só teve dois números, 1ª e 2ª edições (1928/1929), e que contou, entre seus participantes, com o poeta Raul Bopp (autor do livro *Cobra Norato*”) e o escritor e jornalista Geraldo Ferraz, além da musa antropofágica Pagu (apelido da escritora Patrícia Galvão, então com 18 anos). Esta foi a fase mais inventiva e reluzente do antropófago Oswald de Andrade, que, de cadilque verde, desfilou pela cidade, chocando com sua figura rebelde e audaciosa as famílias bem comportadas de então, e escreveu artigos sarcásticos, atacando



com ironia e desenvoltura intelectual as facções modernistas diversas da dele, como o grupo “Verde-amarelismo”, ou sua extensão, o grupo Anta. Ao mesmo tempo foi se distanciando ideologicamente do amigo de descobertas intelectuais, Mário de Andrade, até o rompimento definitivo. O escritor antropofágico, na verdade, estava quase sozinho: no seu arriscado caminho de radicalidade, em que pregou com toda convicção que este país com influências excessivamente européias deve filtrar as contribuições estrangeiras através de um processo de devoração crítica (antropofagia) para alcançar uma síntese transformadora com dimensões universais, já não tinha seguidores.

A quebra da bolsa de Nova York, em 1929, refletiu-se no país, levando à falência muitos de nossos magnatas e com eles o próprio Oswald, que perdeu toda a fortuna. Foi o momento propício para que seus inimigos se vingassem e para que outros e novos surgissem. Começou então a fábula de que ele era apenas um piadista, e o silêncio tentou encobrir sua ação pioneira, gerado-

ra da poesia Pau-Brasil e da prosa de 1922.

No ano de 1930 encontramos o poeta na miséria, dependendo dos agiotas da zona bancária do centro de São Paulo e do penhor de suas obras de Picasso, Tarsila, De Chirico, Léger, para sobreviver. Separado de Tarsila e apaixonado por Pagu, em janeiro desse mesmo ano os dois arquitetaram uma fuga e em seguida se casaram, contrariando a família da menina. Em setembro nasceu um filho do casal, Rudá de Andrade.

Juntos, Pagu e Oswald começaram a se identificar ideologicamente com a esquerda, alistando-se no Partido Comunista e participando ativamente do ambiente violento e revolucionário que se instaurou de 1930 a 1937 no país, em pleno governo de Getúlio Vargas, que resultou na ditadura do Estado Novo. Já marginalizado, o poeta se envolveu em diversas brigas, fugas e prisões. E mesmo seu engajamento no partido foi feito com contradições: até sua ruptura (1945) despertou muitas desconfianças, pois sua

"E se ele vier
Defenderei
E se ela vier
Defenderei
E se eles vierem
Defenderei
E se elas vierem todas
Numa guirlanda de flechas
Defenderei
Defenderei
Defenderei"



(Canção e Calendário)

postura se manteve bem mais anarquista do que marxista ortodoxa, como era exigido.

Em 1931, o escritor e sua mulher fundam o jornal panfletário *O Homem do Povo*, no período mais sectário de suas atuações políticas, onde aceitaram quase incondicionalmente os dogmas do PC. O tablóide manteve uma linha humorística remanescente de uma visão antropofágica dos autores e durou apenas oito números, pois foi empastelado duas vezes pelos estudantes do Lar-

go de São Francisco, revoltados com um editorial que consideravam ofensivo àquela tradicional Faculdade de Direito.

Em 1933 Oswald lançou seu segundo romance de importância, *Serafim Ponte Grande* (escrito entre 1924/1928), com um prefácio autocrítico onde, além de analisar rigorosamente todo o modernismo, questionou sua própria postura intelectual até a antropofagia e a poesia Pau-Brasil (que considerou imperialista) e se propôs a ser *casa-ca de ferro* da revolução proletária (texto nitidamente marcado por suas posições ideológicas daquele momento). Ainda nessa fase de convicções comunistas, desenvolveu seu teatro: escreveu as peças *O Rei da Vela* (1933), que versa sobre a agiotagem capitalista, *O Homem e o cavalo* (1934), onde faz o julgamento da civilização cristã e ocidental, por uma ótica socialista, e *A Morta* (1937), um texto mais lírico, cuja personagem central é Beatriz, de Dante Alighieri, representante da mulher-musa.

No que diz respeito às suas relações amorosas, o casamento com Pagu durou

até 1935, quando então já estava com sua nova mulher, a poetisa Julieta Bárbara. Foi, aliás, acompanhado dela que Oswald fez mais uma viagem à Europa, quatro anos depois (1939), onde participou do Congresso dos PEN Clubes, realizado na Suécia, para poetas, ensaístas e romancistas, retornando quando eclodiu a Segunda Guerra Mundial.

Na década de quarenta já não encontramos o “escritor militante”, mas o Oswald de Andrade que retomou as raízes antropofágicas e, mesmo mantendo-se um homem de esquerda, começou a questionar o próprio comunismo (principalmente o de linha stalinista, enquanto base política.) Ainda polêmico e atuante, candidatou-se provocativamente à Academia Brasileira de Letras através de uma carta-desafio que divulgou pela imprensa, onde afirmou que, apesar de já *a priori* saber-se sem condições de ser eleito, queria deixar claro ao público que o espírito novo estava empenhado na conquista da Academia.

O mundo encontrava-se em guerra, e o poeta escreveu o poema *Cân-*

tico dos Cânticos para Flauta e Violão (1942), dedicado à sua nova mulher, Maria Antonietta d’Alkimim, com quem se confessou “casado em últimas núpcias”, e que de fato foi a esposa dedicada dos seus últimos anos (tiveram dois filhos: Paulo Marcos e Antonieta Marília). No extraordinário poema *Cântico dos Cânticos* Oswald mescla fragmentos da realidade conflituada da Segunda Guerra Mundial, com uma lírica declaração de amor, demonstrando ainda muito vigor e invenção.

Terminada a Guerra, ele rompeu de vez com o Partido Comunista. O Brasil caminhava para um período mais tranquilo, Getúlio Vargas foi deposto e as preocupações políticas de Oswald passam a ser pequenas. Seu nome é nacional: sua fama de piadista mordaz prevaleceu, mas ele se manteve convicto da seriedade de seu trabalho. Publicou dois volumes de seu novo romance, *Marco Zero* (1943/46), e voltou-se para questões filosóficas, histórico-culturais e estéticas: escreveu duas teses para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, *A Arcádia e a Inconfidência*



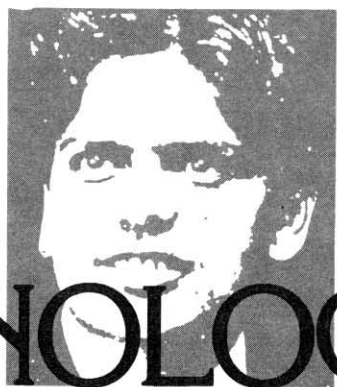
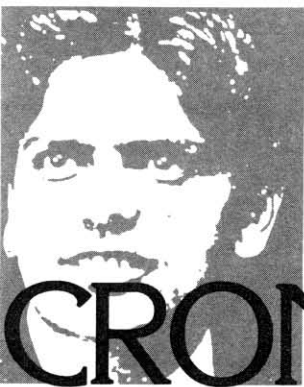
(1945), para concorrer à cadeira de Literatura Brasileira, e *A Crise da Filosofia Messiânica* (1950, aprofundamento dos temas antropofágicos) para concorrer à cadeira de Filosofia da Faculdade de Filosofia (o Conselho Nacional de Educação impediu-o de concorrer, por falta de curso superior específico), e mais os escritos doutrinários *Meu Testamento* (1944), *Um Aspecto da Cultura Brasileira: O Homem Cordial* (1950) e *A Marcha das Utopias* (1953). Continuou colaborando para os grandes jornais de São Paulo e do País; no *Correio da Manhã*, inclusive, manteve por longo tempo a coluna "Telefonema", com artigos corajosos sobre assuntos variados, que depois virou um livro póstumo, com reunião destes e outros artigos escritos no período de 1946/1954. O próprio Oswald, em vida, chegou a reunir artigos publicados nos jornais de 1943/1944, num livro de nome *Ponta de Lança* (1946).

Oswald de Andrada morreu pobre, doente e vítima de diabete, no dia 22 de outubro de 1954. Estava escrevendo um livro de memórias, *Um*

Homem sem Profissão: Sob Ordens de Mamãe, que não chegou a completar. Seu enterro foi acompanhado por muita gente: amigos, inimigos, colegas de geração. O corpo foi velado na Biblioteca Pública Municipal, e entre os presentes encontravam-se suas ex-mulheres, Tarsila do Amaral e Pagu, sua mulher Maria Antonieta d'Alkimim, Menotti del Picchia, Antônio Cândido, Di Cavalcanti. No dia seguinte uma fila enorme de automóveis acompanhou-o ao cemitério, onde, por incrível coincidência, o túmulo ao lado do seu pertence a uma pessoa chamada Serafim del Ponte Grande.

CRISTINA FONSECA





CRONOLOGIA



tre seus parentes encontrava-se o escritor Inglês de Sousa, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, seu tio direto. Oswald viveu, sobretudo, de rendimentos imobiliários, conhecendo, porém, momentos de dificuldades econômicas.

1902

Então com 12 anos de idade, escreve o primeiro conto, *O Fantasma das Praias*, na verdade plagiado de uma idéia de texto de seu primo Paulo.

1890

José Oswald de Andrade nasce em São Paulo, sob o signo de Capricórnio, no dia 11 de janeiro de 1890. Filho único de uma família abastada e extremamente religiosa. Sua mãe, Inês Inglês de Souza Andrade, amazonense do porto de Óbidos, era católica fervorosa e teve grande influência sobre o menino. Seu pai, José Nogueira de Andrade, natural de Baependi, MG, trabalhava com corretagem de imóveis e chegou a ser vereador da cidade. De família tradicional, en-

1907

Já no ginásio, recebe o incentivo definitivo de um professor, Gervásio de Araújo, para dedicar-se à carreira de escritor.

1908

Forma-se no Ginásio de São Bento.

1909

Inicia-se no jornalismo. Primeiro artigo escrito: *Penando*, reportagem sobre uma viagem do presidente Afonso Pena ao Paraná e Santa Catarina, para o jornal *Diário Popular*. Oswald ganha seu primeiro ordenado e acumula as funções de repórter e de crítico teatral.

1911

Funda, com financiamento do próprio pai, um tablóide, *O Pirralho*, que durou até 1917, com sucesso estrondoso. Nesse jornal irreverente, já com tendências precursoramente modernistas, lançou jovens artistas de talento como o cartunista Voltolino e o escritor satírico Juó Bananere, pseudônimo de Alexandre Ribeiro Marcondes Machado, inventor de um dialeto ítalo-português, em que escrevia na seção "Cartas D'Abaixo Piques". O jornal foi um importante instrumento na Campanha Civilista, empreendida por Rui Barbosa contra o militarismo representado por Hermes da Fonseca.

1912

Viaja pela primeira vez à Europa. Um novo mundo o envolve. Toma os primeiros e tímidos contatos com uma nova intelectualidade e com padrões sociais menos provincianos que os do Brasil. Volta em setembro. Alguns dias antes de seu regresso a mãe faleceu. Grande perda para o escritor, mas também sua descrença definitiva com o catolicismo. Oswald traz consigo, da França, sua primeira mulher, a parisiense Kamiá, ex-rainha dos estudantes de Montmartre. Não se casam, mas têm um filho, Nonê (1914), apelido de José Oswald de Sousa Andrade Filho.

1914

Estoura a Primeira Guerra Mundial. Nasce Nonê, seu primeiro filho.

1916

Publica o primeiro livro. Duas peças teatrais em francês escritas com Guilherme de Al-

meida: *Leur Âme e Mon Coeur Balance*. O poeta se encontra completamente apaixonado pela bailarina italiana Landa, de 16 anos, paixão frustrada. Conhece em São Paulo a grande dançarina revolucionária e de fama internacional, a americana Isadora Duncan, que se apresentava no Brasil; ficam amigos, e ele lhe mostra a cidade.

1917/1918

Conhece Mário de Andrade e Di Cavalcante. Defende a pintora Anita Malfatti dos ataques de Monteiro Lobato. Descobre o escultor Victor Brecheret. O interesse de Oswald, nesse período, é quase exclusivamente literário e artístico. Desfeito o jornal *O Pirralho*, começa a trabalhar na sucursal paulista do *Jornal do Comércio*.

1919

Escreve com amigos o texto que depois colocaria no livro de memórias *Um Homem sem Profissão*, e que chamou de *O*

Perfeito Cozinheiro das Almas deste Mundo. Casa-se in extremis com a normalista Deise, a “Miss Ciclone” da garçonnière que abriu na Rua Líbero Badaró.

1921

Lança publicamente Mário de Andrade. Publica os “poemas futuristas” do amigo, no jornal em que trabalha.

“No Pão de açúcar
De Cada Dia
Dai-nos Senhor
A Poesia
De Cada dia”

(Scapulário)



1922

Em fevereiro, acontece a Semana de Arte Moderna. Participa na linha de frente do movimento. É uma das figuras mais ativas. Publica *Os Condenados*, primeiro volume da *Trilogia do Exílio*. Conhece a pintora Tarsila do Amaral.

1926

Casa-se com a pintora Tarsila do Amaral, vivendo em comum até 1930. Mantém contato com escritores e artistas europeus do momento, através de suas inúmeras viagens. Viaja para o Oriente.

1923

Termina o livro *Memórias Sentimentais de João Miramar*, que publica em 1924 com capa de Tarsila.

1928

Batiza uma tela, que recebe de presente de Tarsila, de "Abaporu" (o homem que come). Dá origem ao movimento de antropofagia: junto com Raul Bopp, A. Alcântara Machado e outros, funda a *Revista de Antropofagia*. Publica o *Manifesto Antropófago*. Mário de Andrade afasta-se definitivamente de Oswald.

1924

Publica no *Correio da Manhã* o *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*.

1929

Momento mais radical e atuante da *Revista Antropofágica*, *Segunda Dentição*, que publica em página especial do jornal *Diário de São Paulo* (março a julho). Sofre grande abalo financeiro em consequência da crise do café.

1925

Sai o livro de poesias *Pau-Brasil*, publicado também em Paris, com ilustrações de Tarsila.

42

"Manifesto Antropófago", redigido por Oswald de Andrade, 1928.

MANIFESTO ANTROPOFAGO

Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.

Única lei do mundo. Expressão assarada de todos os individualismos, de todos os collectivismo. De das as religiões. De todos os tratamentos de paz.

Tupy, or not tupy that is the estion.

Contra toda as cathecheses. E ntra a mãe dos Gracchos.

Só me interessa o que não é meu. si do homem. Lei do antropofago.

Estamos fatigados de todos os malos catholicos suspeitosos postos i drama. Freud acabou com o igma mulher e com outros stos da psychologia imessa.

O que atropelava a verdade a a roupa, o impermeavel tre o mundo interior e o undo exterior. A reacção ntra o homem istido. O cinema mericano informa-

Filhos do sol, ãe dos viventes. rcontrados e amas ferozmente, com da a hypocrisia saude, pelos imgrados, pelos trados e pelos toustes. No paiz da bra grande.

Foi porque nuntivemos gramaticas, nem colções de velhos getaes. E nunca soubemos o que a urbano, suburbano, fronteiriço e ntinental. Preguiçosos no mappa indi do Brasil.

Uma consciencia participante, ia rythmica religiosa.

Contra todos os importadores de nsciencia enlatada. A existencia lpavel da vida. E a mentalidade elogica para o Sr. Levy Bruhl udar.

Queremos a revolução Carahiba. aior que a revolução Francesa. A ificação de todas as revoltas efazes na direcção do homem. Sem s a Europa não teria siquer a sua

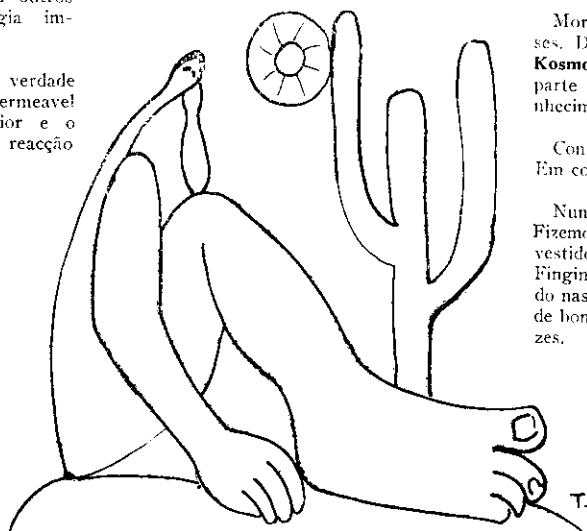
pobre declaração dos direitos do homem.

A idade de ouro annunciada pela America. A idade de ouro. E todas as girls.

Filiação. O contacto com o Brasil Carahiba. **Oú Villeganhon print terre.** Montaigne. O homem natural. Rousseau. Da Revolução Francesa ao Romantismo, à Revolução Bolchevista, à Revolução surrealista e ao barbaro technizado de Keyserling. Caminhamos.

Nunca fomos cathechizados. Vivemos atravez de um direito sonambulo. Fizemos Christo nascer na Bahia. Ou em Belem do Pará.

Mas nunca admittimos o nascimento da logica entre nós.



Desenho de Tarcila 1928

De um quadro que figurará na sua proxima exposiçao de Junho na galeria Pereira, em Paris.

Contra o Padre Vieira. Autor do nosso primeiro emprestimo, para ganhar commissão. O rei analfabeto dissera-lhe: ponha isso no papel mas sem muita labia. Fez-se o emprestimo. Gravou-se o assucar brasileiro. Vieira deixou o dinheiro em Portugal e nos trouxe a labia,

O espirito recusa-se a conceber o espirito sem corpo. O antropomorfismo. Necessidade da vaccina antropofagica. Para o equilibrio contra as religiões de meridiano. E as inquisições exteriores.

Só podemos attender ao mundo orcular.

Tinhamos a justiça codificação da vingança A sciencia codificação da Magia. Antropofagia. A transformação permanente do Tabú em totem.

Contra o mundo reversivel e as idéas objectivadas. Cadaverizadas. O stop do pensamento que é dinamico. O individuo victima do systema. Fonte das injustiças classicas. Das injustiças romanticas. E o esquecimento das conquistas interiores.

Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros.

O instinto Carahiba.

Morte e vida das hypotheses. Da equação eu parte do **Kosmos** ao axioma **Kosmos** parte do eu. Subsistencia. Conhecimento. Antropofagia.

Contra as elites vegetaes. Em communicação com o sólo.

Nunca fomos cathechizados. Fizemos foi Carnaval. O indio vestido de senador do Imperio. Fingindo de Pitt. Ou figurando nas operas de Alencar cheio de bons sentimentos portuguezes.

Já tinhamos o communismo. Já tinhamos a lingua surrealista. A idade de ouro. Catiti Catiti Imara Notia Notia Imara Ipejú

A magia e a vida. Tinhamos a relação e a distribuição dos bens phisicos, dos bens moraes, dos bens dignarios. E sabiamos transpor o mysterio e a morte com o auxilio de algumas formas grammaticaes.

Perguntei a um homem o que era o Direito. Elle me respondeu que era a garantia do exercicio da possibilidade. Esse homem chamava-se Galli Mathias. Comi-o

Só não ha determinismo - onde ha mysterio. Mas que temos nós com isso?

1930

Separado de Tarsila, casa-se com a escritora e musa antropofágica Pagu, apelido de Patrícia Galvão.

1931

Ingressa no Partido Comunista. Esta é sua fase política mais sectária. Participa ativamente do movimento político, o que lhe resultaria muitas brigas, fugas e prisões, por todo esse período que vai até 1937. Lança o jornal panfletário *O Homem do Povo* com Pagu e

Queiroz Lima; o tablóide dura apenas oito números, sendo empastelado duas vezes pelos estudantes da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, revoltados com um editorial que consideram ofensivo àquela instituição. Oswald e Pagu são agredidos publicamente. O poeta encontra-se num período de muitas dificuldades econômicas, dependendo dos agiotas da zona bancária de São Paulo.

Estamos no governo forte de Getúlio Vargas, que resultaria na ditadura do Estado Novo (1937 a 1945).

"Meu amor me ensinou
a ser simples
Como um largo de igreja
Onde não há nem um sino
Nem um lápis
Nem uma sensualidade"

(Ditirambo)



1933

Publica *Serafim Ponte Grande* (escrito entre 1924/1928) com um prefácio autocrítico, onde, além de analisar rigorosamente todo o modernismo, questiona sua própria postura intelectual, até a antropofagia e a poesia "Pau-Brasil", que considera imperialista, e se propõe a ser *casaca de ferro* da revolução proletária. Texto nitidamente marcado por suas posições ideológicas daquele momento.

"Agora vamos correr o
pomar antigo
Bicos aéreos de patos
selvagens
Tetas verdes entre folhas
E um passarinho nos vaia
Num tamarindo
Que decola para o anil
Árvores sentadas
Quitandas vivas de
laranjas maduras
Vespas"
(Bucólica)

1934

Publica *A Escada Vermelha*, último volume da *Trilogia do Exílio*.

1935

Separa-se de Patrícia Galvão, com quem teve um filho, Rudá de Andrade (nascido em 25 de setembro de 1930).

1937

Publica seu teatro de tese, com as peças *O Rei da Vela* (1937), *A Morta* (1937) e *O Homem e o Cavalo* (1934). Está casado com a poetisa Julietta Bárbara. Começa a diminuir suas atividades políticas. Aos poucos retomará a antropofagia.

1939

Viaja à Europa para o Congresso dos Pen Clubs na Suécia (para poetas, ensaístas e romancistas). Retorna quando eclode a Segunda Guerra Mundial.

1940

Candidata-se à Academia Brasileira de Letras, com uma carta-desafio publicada nos jornais.

1942

Publica *Cântico dos Cânticos para Flauta e Violão*, poema dedicado à então esposa

Maria Antonieta d'Alkimin, com quem se considera "casado em últimas núpcias", e que de fato foi a esposa dedicada de seus últimos anos. Tiveram dois filhos, Paulo Marcos e Antonieta Marília.

1943

Publica o romance *Marco Zero* (1º vol: *A Revolução Melancólica*.) Escreve o depoimento *Meu Testamento*.

1945

Rompe com o Partido Comunista. Mantém-se de esquerda, mas questiona o comunismo, principalmente da linha russa, como base política. Publica o segundo vol. de *Marco Zero* (o livro *Chão*). Concorre à Cadeira de Literatura Brasileira da Faculdade de Ciências e Letras da USP, com a tese *A Arcádia e a Inconfidência*. Torna-se livre-docente.

1946

Escreve a série de poemas *O*

Escaravelho de Ouro. Publica *Ponta de Lança*, coletânea de textos de jornal.

1948

Participa do 1º Congresso Paulista de Poesia. Combate a *geração de 45*.

1950

Escreve a tese *A Crise da Filosofia Messiânica* (aprofundamento dos temas antropofágicos) para concorrer à Cadeira de Filosofia da Faculdade de Filosofia da USP, mas é impedido de concorrer, pelo Conselho Nacional de Educação, por falta de curso superior específico. Escreve o texto *Um aspecto da Cultura Brasileira: O Homem Cordial*.

1953

Escreve *A Marcha das Utopias*. Por todo esse período, dos anos cinquenta, continua colaborando para os grandes jornais; no *Correio da Manhã*,

"Senhor
Que eu não fique nunca
Como esse velho inglês
Aí do lado
Que dorme numa cadeira
À espera de visitas que não
vêm"

(Solidão)



inclusive, mantém por longo tempo a coluna intitulada *Telefonema*.

1954

No dia 22 de outubro morre pobre, doente e vítima de diabete. Estava escrevendo um livro de memórias, *Um Homem sem Profissão: sob Ordens de Mamãe*, que deixou incompleto. Seu enterro foi acompanhado por muita gente: amigos, inimigos, colegas de geração e familiares. Entre eles, além de sua mulher Maria Antonieta d'Alkimim, suas ex-mulheres Tarsila do Amaral e Pagu; também o pintor Di Cavalcanti, o poeta Menotti del Piccia e o amigo e ensaísta Antônio Cândido. Seu corpo foi velado na Biblioteca Municipal. No dia seguinte, uma fila enorme de automóveis acompanhou-o ao Cemitério da Consolação, onde, por incrível coincidência, o túmulo ao lado do seu pertence a uma pessoa chamada Serafim del Ponte Grande.



OSWALD
VISTO
PELO MUNDO

te e da sintaxe descarnada. Deste modo, quebrou as barreiras entre poesia e prosa, para atingir uma espécie de fonte comum da linguagem artística. Pode-se dizer que a sua importância histórica de renovador e agitador (no mais alto sentido) foi decisiva para a formação da nossa literatura contemporânea.”

(1964, *Presenças da Literatura Brasileira — História e Antologia*, vol. III, Dif. Européia do Livro, São Paulo — pp. 64-66).

DI CAVALCANTI

Pintor

ANTÔNIO CÂNDIDO E J. ADERALDO CASTELLO

Críticos

“Oswald de Andrade foi um dos mais vivos ensaístas e panfletários da nossa literatura, com uma rara capacidade de tornar sugestiva a idéia pela violência corrosiva das afirmações, o humorismo e o fulgor dos tropos. Na obra propriamente criadora, mostrou a importância das experiências semânticas e o relevo que a palavra adquire, quando manipulada com o duplo apoio da imagem surpreenden-

(Oswald era) “um menino sentimental, que chorava arrependido das travessuras que fazia, tendo por alvo seres humanos sensíveis e suscetíveis”.

(*Jornal da Tarde* — 20/10/1979).

TARSILA DO AMARAL

Pintora. Uma das mulheres de Oswald.

(Oswald) “era capaz de destruir um afeto por causa de um gracejo mordaz e ferino.”

(*Jornal da Tarde* — 20/10/1979).

MÁRIO DE ANDRADE

Poeta e crítico. Uma das figuras primordiais do Modernismo.

(Oswald de Andrade foi) “a figura mais característica e dinâmica do movimento (Modernista).”

“O mais curioso talvez dos modernistas brasileiros. (...) Tem assim duas das maiores riquezas do artista: fé criadora e dom de divertir. Inalterável confiança em si mesmo e nos outros. (...) *Os Condenados* eram mais uma contemporização. No fundo, obra realista. Na forma o discurso corria lento, arreado de bugangas sonoras. (...)

Quanta campanha! Só o processo dos capítulos saía eficaz, simultâneo, seguindo a benéfica lição do cinematógrafo. Com as *Memórias*, dentro da roupa o corpo é já moderno. Subsiste, é certo, na formação analítico-realista. No fundo o eterno sentimentalismo. Não faz mal. Sentimental é o brasileiro. Realista é Joyce. (...) Oswald de Andrade permitiu ao prefaciador das *Memórias Sentimentais* expusesse algumas intenções do escritor. Francamente construtivas. O livro

saiu a mais alegre das destruições. Quase dadá. (...). A volta ao material implicava por certo dar toda a atenção à língua brasileira que está se formando. Mas ainda aqui a solução aparece bem outra da pretendida pelo autor. Uma língua se forma segundo fenômenos psicológicos perfeitamente fixados e quase sempre inalteráveis. Ora Oswald finge ignorar essas verdades e na parte que lhe pertence propriamente no livro, isto é, quando não encarna qualquer dos personagens, apresenta dicção eminentemente artística e personalíssima. (...). Sintético, marcante, abandona então todo o pormenor, usando apenas o essencial expressivo (...). O que mais caracteriza as *Memórias* é esse apego exclusivo à expressão. Que não só abandona todos os preconceitos mas salta sobre todas as regras e as ignora. (...) Justificou todos os erros. Fez deles meios de expressão. (...) Além da parte narrativa, o livro consta de larga cooperação de personagens por meio de cartas, prefácio, discursos. Sátira extraordinariamente feliz de certa formação brasileira em que o pernóstico do cafuso se junta a um

doirado de cultura quase indigente. (...) Organizou um dicionário satírico de imbecilidade e ignorância, de tudo o que não se deve dizer. É um Cândido de Figueiredo do riso. Mostrei sobretudo a acentuada formação destrutiva das *Memórias Sentimentais*. Apesar do seu esperto funcionamento episódico, o romance está excelentemente bem construído. Movimento e intensa vida.”

(Fonte: Mário de Andrade, *Aspectos da Literatura Brasileira*, e Oswald de Andrade, *Trechos Recolhidos*, respectivamente — vide bibliografia).

RUY COELHO

Professor. (Frequentou a casa de Oswald a partir de 1940.)

“Era uma situação curiosa. Do ponto de vista do valor intelectual, admirávamos e até adotávamos, como modelo, Mário de Andrade. No entanto, Mário de Andrade sempre foi um homem tímido, acanhado e diante dele ficávamos pouco à vontade. Na casa de Oswald, além de encontrarmos um ambiente totalmente informal, estávamos em contacto com o que foi, na

verdade, a grande obra deste homem, e que se perdeu para sempre, a *conversa*. E nem tanto pelo que Oswald veiculava, mas pela excitação, a vitalidade extraordinária que criava à sua volta”. (...) “Acredito que Mário de Andrade, sem nunca ter ido à Europa, foi quem na verdade veiculou idéias européias no Modernismo.”

(Estado de São Paulo — 21/10/79).

HAROLDO DE CAMPOS

Poeta e ensaísta

“Se quisermos caracterizar de um modo significativo a poesia de Oswald de Andrade no panorama de nosso Modernismo, diremos que esta poesia responde a uma poética da radicalidade. É uma poesia radical. Que quer dizer ‘ser radical’? Num texto famoso, Marx escreveu: ‘Ser radical é tomar as coisas pela raiz. E a raiz, para o homem, é o próprio homem’.(...) A radicalidade da poesia oswaldiana se afere, no campo específico da linguagem, na medida em que esta poesia afeta, na raiz, aquela consciência prática,

real, que é a linguagem. Sendo a linguagem, como a consciência, um produto social, um produto do homem como ser em relação, é bom que situemos a empresa oswaldiana no quadro do seu tempo. (...) a linguagem literária funcionava, (...) como um jargão de casta, um diploma de nobiliarquía intelectual: entre a linguagem escrita com pruridos de escoreição pelos convivas do festim literário e a linguagem desleixadamente falada pelo povo (mormente em São Paulo, para onde acudiam as correntes migratórias com as suas deformações orais peculiares), rasgava-se um abismo aparentemente intransponível. A poesia 'pau-brasil' de Oswald de Andrade representou, como é fácil de imaginar, uma guinada de 180° nesse *status quo*, — onde a expressão é do próprio Oswald — 'os valores estáveis da mais atrasada literatura do mundo impediam qualquer renovação'. Repôs tudo em questão em matéria de poesia e, sendo radical na linguagem, foi encontrar, na ponta de sua perfuratriz dos estratos sedimentados da convenção, a inquietação do homem brasileiro novo, que se forjava, falan-

do uma língua sacudida pela 'contribuição milionária de todos os erros' num país que iniciava — precisamente em São Paulo — um processo de industrialização que lhe acarretaria fundas repercussões estruturais."

"(...) A revolução — e revolução copernicana — foi a poesia 'pau-brasil', donde saiu toda uma linha de poética substantiva, de poesia contida, reduzida ao essencial do processo de signos, que passa por Drummond na década de 30, enforma a engenharia poética de João Cabral de Mello Neto e se projeta na atual poesia concreta. Uma poesia de tipo industrial, diríamos, por oposição ao velho artesanato discursivo, institucionalizado em modelos retóricos pelo parnasianismo, ou já degelado, revitalizado em novos caudais lírico-interjetivos pelo poeta da *Paulicéia*." (...)

A poesia de Oswald de Andrade põe um novo conceito de livro. Seus poemas dificilmente se prestam a uma seleção sob o critério da peça antológica. Funcionam como poemas em série. Como partes menores de um bloco

maior: o livro. O livro de ideogramas. Daí que, desde o 'Pau-Brasil', passando pelo *Primeiro Caderno do Aluno de Poesia Oswald de Andrade*, até as *Poesias Reunidas O. Andrade* (título que parodia certa sigla de Indústrias Reunidas...), o lay-out tipográfico das coletâneas oswaldianas sempre tivesse tido grande importância. Para isso contribuíram os desenhos da Tarsila e do próprio autor e os "achados" que são as capas(...).

(...) O livro de poemas de Oswald participa da natureza do livro de imagens, do álbum de figuras, dos quadrinhos dos *comics*. Sua atualidade neste particular é espantosa. (...) O livro de poemas tal como o concebe Oswald — cuja imaginação visual o fez sempre um apaixonado da pintura (*Pau-Brasil* e seu desdobramento na *Antropofagia* estão ligados, respectivamente, a duas fases concomitantes da obra pictórica de Tarsila do Amaral) — integra-se nessa tradição e, ao mesmo tempo, aponta decididamente para o futuro."

(Haroldo de Campos — *Uma poética da Radicalidade* in *Poesias Reunidas* de Oswald de Andrade — nota introdutória — vide bibliog.)

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Poeta e crônista

"Não houve personagem mais vivo no Modernismo do que ele. Romancista, poeta, polemista, cronista, dramaturgo, memorialista, autor de manifestos e de teses universitárias, Oswald foi sobretudo uma presença."

(Estado de São Paulo — 19/10/1974).

DÉCIO DE ALMEIDA PRADO

Diretor de Teatro. Dirigia o Grupo Universitário de Teatro em 1943.

"O talento de Oswald não é de equilíbrio, de homogeneidade, mas é feito de fulgurações, de intuições descontínuas"(...)

A impressão que se tinha é a de que ele parecia destinado a permanecer para sempre o escritor irrealizado, maior do que a própria obra. O homem que, na frase de Oscar Wilde, pusera o gênio na vida e apenas o talento nos livros". (...) Oswald queria que eu dirigisse *O Rei da Vela*. Mas em pleno Estado Novo, com

uma censura fortíssima, aquele era um projeto impraticável. Além disso, eu não gostava da peça, que me parecia passada, muito ligada à década de 20. Em 67 no entanto, num momento um pouco semelhante à década de 20, isto é, de radicalismos estéticos, a peça foi montada por José Celso. E aí verifiquei que o que eu julgava atrasado no tempo, talvez estivesse adiantado, pois a ênfase que Oswald dava à sexualidade, aquele tom grotesco e caricatural correspondiam inteiramente ao gosto da juventude.”

(Estado de São Paulo — 21/10/1979).

DÉCIO PIGNATARI

Poeta ensaísta e escritor

As autênticas vanguardas artísticas contemporâneas têm-se caracterizado por sua “anti-arte”, desde o “rien ou presque un art”, de Mallarmé, passando pelo movimento “Dadá” e por Oswald de Andrade, até a poesia concreta, o atual movimento da *pop art* norte-americana (setor das artes visuais) e o desenho industrial (forma do produto), sem esquecer a *nouvelle vague*

do cinema francês.

(...) Assim como, pela Teoria da Informação e da Comunicação, todo ato criativo ou decisório se faz por probabilidade e seleção — *chance & choice* — o processo criativo de Oswald consiste basicamente num processo de seleção do já existente, no momento ou na memória. Recorte, colagem, montagem. Antiliterariamente. O processo documentário. “No jornal anda todo o presente”.

(...) O propalado “indianismo” de Oswald nada tem de “indianista” — como já esclareceu o crítico Oliveira Bastos. O selvagem significou para ele o que Confúcio significou para Pound: a visão de uma nova moral, não cristã, e de uma nova linguagem, direta, ideogrâmica. (...)

A poesia de Oswald de Andrade é a poesia da posse contra a propriedade. Poesia por contato direto. Sem explicações, sem andaimes, sem preâmbulos ou prenúncios, sem poetizações. Com versos que não eram versos. Poesia em versus, pondo em crise o verso: um prosaísmo deliberado que é uma sátira

continua ao próprio verso, livre ou preso. Aliás, nunca se colocou tal problema, de verso livre ou metrificado. Sua poesia é um realismo auto-expositivo. Alguns poemas são simples transcrições de anúncios da época. Destacados do contexto, os textos adquirem novo conteúdo: de lugares-comuns se transformam em lugares incomuns. Exatamente como acontece com a atual *pop art* norte-americana (também batizada de “neodadaísta”...) — o primeiro movimento autêntico de vanguarda dos Estados Unidos para o mundo: também uma rebelião contra a cultura européia. Uma arte antropófaga. Lembrar que a capa da primeira edição da *Poesia Pau-Brasil*, 1925, trazia a reprodução de uma bandeira brasileira, sem mais nada. Ou melhor: com “Poesia Pau-Brasil”, em lugar de “Ordem e Progresso”, Jasper Johns, “pop artist”, pinta bandeiras norte-americanas, tais quais 40 anos depois de Oswald. Algumas manifestações da *pop art* são chamadas de *happenings*; na hora se fazem, na hora existem como arte — e fim. Claes Oldenburg reproduz, em *papier mâché*, sorvetes e bolos —

fac-símiles únicos de coisas produzidas em quantidade. “Somos concretistas”, diz Oswald, em seu manifesto canibal. A coisa, não a idéia da coisa. O fim da arte de representação. Realismo sem tema ou temática realista: apenas transplante do existente. Os *ready-made*, de Man Ray, na época “Dadá”. A poesia de Oswald de Andrade é uma poesia *ready-made*. (...)

Textos — não literatura. O cartão-postal como arte. O clichê do clichê como arte. O problema do *kitsch*, a chamada pseudo-arte(...) A chamada arte de mau-gosto.

(...) “Pop art”: arte de estalo, *espocarte*. Os poemas de Oswald de Andrade, da década de 20, formam um exemplário didático. Didática que, depois, Drummond, João Cabral de Mello Neto e os poetas concretos da primeira fase passaram a limpo, fenomenologicamente, com poemas sobre o poema.”

(Fonte: Pignatari, Décio — *Contracomunicação*, in *Marco Zero de Andrade* — vide bibliog.)

JOÃO RIBEIRO

Crítico

“O Sr. Oswald de Andrade com o — *Pau-Brasil* — marcou definitivamente uma época na poesia nacional. (...) Ele atacou, com absoluta energia, as linhas, os arabescos, os planos, a perspectiva, as cores e a luz. Teve a intuição infantil de escangalhar os brinquedos, para ver como eram por dentro. E viu que não eram coisa alguma. E começou a idear, sem o auxílio das musas, uma arte nova, inconsciente, capaz da máxima trivialidade por oposição ao estilo erguido e à altiloquência dos mestres. Geometrizou a realidade, dando esse aspecto primevo, assírio ou egípcio da escultura negra, fabricou manipansos terríficos e opôs à ânfora grega a beleza rombóide das igaçabas. (...) Assim nasceu uma poesia nacional que, levantando as tarifas de importação, criou uma indústria brasileira. (...) Para mim ele foi o melhor crítico da ênfase nacional; o que reduziu a complicação do vestuário retórico à folha de parreira simples e primitiva e já de si mesma demasiada e incômoda. Chegou à con-

cepção decimal e infantil, que se deve ter do homem: um 8 sobre duas pernas, total dez”

(Artigo de 1927, Crítica. *Os Modernos — Oswald de Andrade* — Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, 1952 — pp. 90-98).

PAULO PRADO

Crítico

“A poesia ‘pau-brasil’ é o ovo de Colombo — esse ovo, como dizia um inventor meu amigo, em que ninguém acreditava e acabou enriquecendo o genovês. Oswald de Andrade, numa viagem a Paris, do alto de um ateliê da Place Clichy — umbigo do mundo — descobriu, deslumbrado, a sua própria terra. A volta à pátria confirmou, no encantamento das descobertas manuelinas, a revelação surpreendente de que o Brasil existia. Esse fato, de que alguns já desconfiavam, abriu seus olhos à visão radiosa de um mundo novo inexplorado e misterioso. Estava criada a poesia pau-brasil. (...)”

A poesia ‘Pau-brasil’ é, entre nós, o primeiro esforço organizado para a libertação do verso brasileiro. (...)

Será a reabilitação do nosso falar quotidiano, *sermo plebeius* que o pedantismo dos gramáticos tem querido eliminar da língua escrita.

Esperemos também que a poesia 'pau-brasil' extermine de vez um dos grandes males da raça — o mal da eloquência balofa e roçagante. Nesta época apressada de rápidas realizações a tendência é toda para a expressão rude e nua da sensação e do sentimento, numa sinceridade total e sintética.

(...) Grande dia esse para as letras brasileiras. Obter, em comprimidos, minutos de poesia. Interromper o balanço das belas frases sonoras e ocas, melopéia que nos aproxima, na sua primitividade, do canto erótico dos pássaros e dos insetos. Fugir também do dinamismo retumbante das modas em atraso que aqui aportam, como o futurismo italiano, doze anos depois do seu aparecimento, decrépitas e tresandando a naftalina. Nada mais nocivo para a livre expansão do pensamento meramente nacional do que a importação, como novidade, dessas fórmulas exóticas, que envelhecem e murcham num

abrir e fechar de olhos; nos cafés literários e nos cabarés de Paris, Roma ou Berlim. Deus nos livre desse esnobismo ras-taquérico, de todos os "ismos" parasitas das idéias novas, e sobretudo das duas inimigas do verdadeiro sentimento poético — a Literatura e a Filosofia. A nova poesia não será nem pintura, nem escultura, nem romance. Simplesmente poesia com P grande, brotando do solo natal, inconsciente. Como uma planta."

(Maio de 1924.)

(Fonte: Introdução do livro *Poesia Pau-Brasil*, de Oswald de Andrade — in *Poesias Reunidas* — vide bibliografia).

MÁRIO DA SILVA BRITO

Critico

"No espaço que vai de 1922 a 1934, ou seja, da estréia de Oswald com *Os Condenados* — a *Alma* de agora — até o aparecimento de *A Escada Vermelha*, outros livros dele surgiram, mas cujo roteiro estético discrepa da *Trilogia do Exílio*, pois revolucionam a concepção de romance e poesia até então em

vigor, radicalizam as conquistas da 'liberdade de criação artística' propugnadas pelo Modernismo. São eles: *Memórias Sentimentais de João Miramar* (1924), *Pau-Brasil* (1925), *Primeiro Caderno do Aluno de Poesia Oswald de Andrade* (1927) e *Serafim Ponte Grande* (1933).

Assim, no conjunto da obra oswaldiana, aparecida nesses doze anos, há duas direções, dois rumos, dúplice inventiva: a que caracteriza os recursos estilísticos da *Trilogia do Exílio*, e a que, em prosa e em poesia, marca a sua visão de extremada *avant-garde* e lhe confere lugar à parte no quadro das letras nacionais e mesmo no Modernismo. São diretrizes que coexistem no espaço e no tempo, mas brigam entre si, se opõem uma à outra, contradizem-se em vários pontos e aspectos. Mas, saindo da mesma pena, da mesma inteligência inquieta e criativa, guardam entre si, no fundo, um parentesco subterrâneo, se assim se pode dizer, uma área comum de crítica e análise da vida e do mundo. Já se disse que o grande escritor escreve sempre o mesmo livro sob forma e tessitura diferentes, pois,

sendo sua temática fruto de uma cosmovisão, difere na aparência para assemelhar-se na essência. A Oswald de Andrade essa afirmativa pode ser pertinentemente aplicada, pela constância em que aborda determinados assuntos, fixa situações, retrata caracteres, surpreende, apreende e compreende o universo e os homens.”

(set. 1970)

(MÁRIO DA SILVA BRITO — *O Aluno de Romance Oswald de Andrade* in Introdução do livro *Os Condenados*, de Oswald de Andrade — vide bibliografia.)

JOSÉ CELSO MARTINEZ CORREA

Diretor de teatro

“Eu já fazia teatro desde 1961 e tinha montado peças famosas, bem aceitas pelo público, como *Os Pequenos Burgueses* (1963), mas não passava de um diretor clássico, acadêmico. Depois da montagem de *O Rei da Vela* (1967), de Oswald de Andrade, pude me considerar de fato um criador. Tomei contato com esse texto através do ator Renato Borghi que, impressionado com a peça, me fez uma leitu-

ra em voz alta. Aquilo era uma coisa tão teatral, que eu me apaixonei completamente. Tive uma identificação total com aquele texto cafona, visceral, comovente, que subvertia todas as coisas. Até então eu não conhecia Oswald, mas, depois desse primeiro contato, procurei seu filho Nonê e, através dele, mergulhei completamente na sua obra toda. Em um mês e meio a peça estava pronta e deu um resultado belíssimo. De repente o teatro brasileiro, que era bastante provinciano e isolado, através do *Rei da Vela* passou a ser agente catalisador de tudo: música, pintura, cinema.

Essa peça radical veio num momento próprio. Era preciso uma época de profunda transmutação de valores, como a que estávamos vivendo, para que ela coubesse. Logo que ficou pronta, eu ia assistir ao filme *Terra em Transe*, do Glauber Rocha, e era a mesma coisa. O *Tropicalismo* também. Tudo vinha junto.

Oswald tem uma coisa revolucionária no teatro mundial, porque antropofagicamente é influenciado por

muitos outros teatros: pelo *kabuki*, por exemplo, na medida em que faz ícones dos personagens. Ao mesmo tempo tem um distanciamento à la Brecht e uma alta penetração que vem do teatro de Grotowski, mas consegue um trabalho único, que ultrapassa Brecht e Maikovski e não tem paralelo em todo o mundo; então, quando foi levado para Paris, em 1968, fez muito sucesso. Por essas razões acredito que ainda será influenciador do teatro mundial.

O teatro oswaldiano tem a síntese de todo o teatro europeu com uma linguagem brasileira bem mais ampla do que a de Nelson Rodrigues, que considero nosso outro grande teatrólogo. Oswald contém Nelson Rodrigues e consegue ter a síntese do “bárbaro tecnizado”.

A obra oswaldiana é política e poética. Politicamente, enquanto o Brasil se mantiver neocolônia, a síntese antropofágica de Oswald é insuperável. Só será superada quando nossas relações de neocolônia o forem. Agora, poeticamente sua obra será sempre o eterno presente.

KENNETH D.JACKSON

Professor americano, autor de tese sobre Oswald de Andrade.

“Na prosa modernista brasileira, Oswald de Andrade foi o principal autor cujas obras levaram adiante, de modo consistente, as duas principais preocupações do movimento: a criação de um novo estilo poético baseado na realidade brasileira e a redefinição do caráter e dos objetivos nacionais. Em dois romances da década de 20, *As Memórias Sentimentais de João Miramar* e *Serafim Ponte Grande*, Oswald de Andrade, por suas experiências intrínsecas com a linguagem e a forma, desenvolveu uma expressão original do estilo vanguardista. *João Miramar* representa, no Brasil, a primeira tentativa da literatura de criar uma “prosa nova” por meio de técnicas poéticas e documentárias, ao passo que *Serafim* é a mais radical tentativa da literatura modernista de fazer uma paródia da sociedade burguesa através de um estilo baseado em fragmentos sintéticos e satíricos.

Os dois romances, *Miramar* e *Serafim*, apresen-

tam integralmente o estilo e a ideologia modernistas de Oswald de Andrade na única expressão unificada e coerente do vanguardismo no Modernismo brasileiro. A adaptação elaborada por Oswald, de tendências e técnicas européias, inspirada e guiada pelas inovações com que tomou contato em Paris em 1912, foi típica dos procedimentos criativos seguidos por muitos artistas e escritores brasileiros durante os anos de formação do Modernismo. Como expoente principal da poesia e da prosa de *avant-garde*, Oswald de Andrade nunca deu mostras de interesse pelo movimento dadaísta e foi o primeiro brasileiro a entrar em contato com os poetas surrealistas franceses quando voltou a Paris em 1923. Quanto às técnicas através das quais os modernistas expressaram novas perspectivas na prosa, deve-se concluir que os escritores mais inovadores, como Oswald de Andrade, adaptaram o que conheciam da *avant-garde* européia de antes da guerra à sua própria redescoberta e análise originais da realidade brasileira.”

(Fonte: *A Prosa Vanguardista na Lit. Brasileira* — vide bibliografia).

ROGER BASTIDE

Professor e Sociólogo francês

“Eu me pergunto se este romance (*Marco Zero*) não dá um exemplo típico do que se poderia chamar de tropicalismo literário... não mais rural... mas tropicalismo urbano à imagem do de São Paulo... conjunto desses ‘kodaks’ forma uma floresta entrançada, rica de seivas, cheia de cipós, de ramos entrelaçados... Eu proporia ou a expressão simultaneísta ou esta outra, talvez preferível, exploração espacial” (1943).

(*Jornal da Tarde* — 20/10/1979).

PÉRICLES EUGÊNIO DA SILVA RAMOS

Poeta, ensaísta e tradutor

Conheci o Oswald na casa dele, na Rua 13 de Maio, em 1941. Lá, naquela ocasião, eu e outras pessoas lemos poemas, e ele se aproximou de mim, me convidando para ir mais vezes visitá-lo. E eu fui. Pessoalmente Oswald era muito afável, inquieto, vivo e não perdia a oportunidade para fazer piada. Era ami-

go dos amigos, enquanto durava a amizade, que mudava muito. Na época Mário de Andrade era considerado o “papa” do modernismo, mas isto se devia apenas ao fato de que ele se dava com o pessoal de todo o Brasil, enquanto Oswald não era um agrupador do mesmo tipo; não procurava cultivar seu nome com concessões, correspondências. Quando ele achava que uma pessoa prestava, dizia, mas quando achava o contrário também dizia; com isto irritava muita gente, e o pessoal do meio das letras não gostava dele. O Oswald queria ser chefe, e o Mário queria ser mestre.

E, como diz Paulo Emílio, nós que o conhecemos começamos então a ver, paralelamente, a formação de um mito, revestido inclusive da curiosa deformação do seu nome que passou de Oswald a Ôswald, não sei por quê (...). E, mesmo antes de sua obra ser reeditada, a sua lenda, a visão por vezes inventada do que foi e escreveu, alimentou de maneira inspiradora um momento da cultura brasileira. (...) Uma vez passado o barulho polêmico e o traumatismo da

descoberta, uma presença criadora através do que escreveu, uma aura meio lendária que mantém para a imaginação dos homens a realidade própria dos que se situam acima do comum.” (...)

“*Memórias Sentimentais de João Miramar* é um dos maiores livros da nossa literatura, uma tentativa seriíssima de estilo e narrativa, um primeiro esboço da sátira social. Temos de colocá-lo ao lado de Joyce. Estilo sincopado, telegráfico, elíptico. Cinematografismo que vem de *Os Condenados* e chega até *Marco Zero*. Rápidos *close-ups*. *Flashes* que não favorecem a psicologia. Estilo de viajante, de giróvago.”

(Fontes: *Estado de São Paulo* — 21/10/1979; *Jornal do Brasil* — 19/10/1974, respectivamente).

ANTÔNIO CÂNDIDO

Professor, crítico e ensaísta

“Acho que no momento da morte Oswald de Andrade estava começando a viver de um modo diferente para a imaginação do tempo. Já tinha passado o guerrilheiro brilhante e renovador dos

anos 20. Já tinha passado o militante político dos anos 30 e começo de 40. Estava presente para todos o final visionário dos últimos anos de sua vida — de quem estava de certo modo contornando a literatura e a política para encontrar uma fórmula revolucionária a favor da conduta humana harmoniosa e liberta. Mas ainda não se havia compreendido o traçado real da sua obra. (...)

A figura de Oswald é extremamente importante na história do modernismo brasileiro. Foi um agitador de idéias e o responsável pelos movimentos que deram vida às letras do decênio de 20: o *Manifesto Pau-Brasil* e o *Manifesto Antropofágico*. Também chamou atenção para a temática brasileira e a pesquisa vocabular, estética, com seu romance *Memórias Sentimentais de João Miramar*.

Oswald queria que 22 fosse um movimento constante, que se mantivesse enquanto espírito, e de certo modo conseguiu isso, porque, a partir da “Semana”, todos os movimentos literários que surgiram, quando não são parte do modernismo, se valem de

princípios e conceitos modernistas. Ele conseguiu isso porque a experimentação estética continua até hoje.

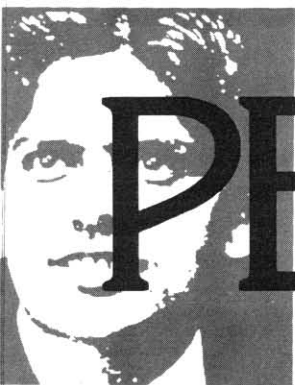
O *Manifesto Pau-Brasil* foi importante porque estabeleceu um tipo de nacionalismo na poesia brasileira. Oswald, com ele, falava na “poesia de exportação” e não de “importação”, o que já era uma coisa avançadíssima. O *Movimento Antropofágico* deixou alguns monumentos literários, como *Cobra Norato*, de Raul Bopp.

A Semana de 22 foi muito confusa, mas a partir do *Movimento Pau-Brasil* ficou clara: 22 não teve uma filosofia, o *Pau-Brasil* teve. Ele foi o divisor de águas que estabeleceu diretrizes. Era um ponto de vista literário, que podia ser seguido ou combatido, mas era um ponto de vista sólido, que influenciou enormemente no modernismo. Acho mais importante do que o *Movimento Antropofágico*, pois foi a partir dele que o outro se derivou.

No fim da vida, Oswald de Andrade procurou erigir a Antropofagia numa concepção geral da existência, só que ela é fruto do *Pau-*

Brasil, como todo o pensamento oswaldiano posterior. Não só o seu pensamento, como todos os outros que houve na Semana e que depois haveriam de surgir. Sem o *Movimento Pau-Brasil* não haveria nada na literatura atual.





PENSAN







3

“A poesia para os poetas. Alegria dos que não sabem e descobrem.”

4

“Tinha havido a inversão de tudo, a invasão de tudo: o teatro de tese e a luta no palco entre morais e imorais. A tese deve ser decidida em guerra de sociólogos, de homens de lei, gordos e dourados como Corpus Juris.

“Ágil o teatro, filho do saltimbanco. Ágil e ilógico. Ágil o romance, nascido da invenção. Ágil a poesia.

A poesia Pau-Brasil. Ágil e cândida. Como uma criança.”

5

“Contra o gabinetismo, a prática culta da vida. Engenheiros em vez de juristas, perdidos como chineses na genealogia das idéias.

A língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos.”

1

“A poesia existe nos fatos. Os casebres de açafraão e de ocre nos verdes da favela, sob o azul cabralino, são fatos estéticos.”

2

“O carnaval no Rio é o acontecimento religioso da raça. Pau-Brasil. Wagner submerge ante os cordões do Botafogo. Bárbaro e nosso. A formação étnica rica. Riqueza vegetal. O minério. A cozinha. O vatapá, o ouro e a dança.”

6

“Não há luta na terra de vocações acadêmicas. Há só fardas. Os futuristas e os outros.”

7

Uma única luta — a luta pelo caminho. Dividamos: Poesia de importação. E a Poesia Pau-Brasil, de exportação.

8

O trabalho contra o detalhe naturalista — pela *síntese*; contra a morbidez romântica — pelo *equilíbrio* geométrico e pelo *acabamento* técnico; contra a cópia, pela *invenção* e pela *surpresa*.

9

Uma nova perspectiva.

A outra, a de Paolo Ucello, criou o naturalismo de apogeu. Era uma ilusão ótica. Os objetos distantes não diminuíam. Era uma lei de aparência. Reação à cópia. Substituir a perspectiva visual e naturalista por uma perspectiva de outra or-

dem: sentimental, intelectual, irônica, ingênua.

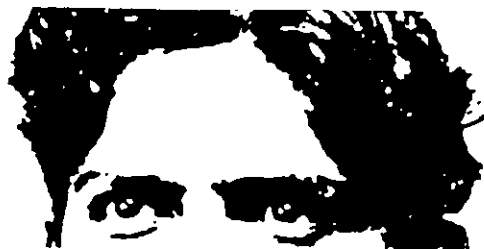
10

Uma nova escala:

A outra, a de um mundo proporcionado e catalogado com letras nos livros, crianças nos colos. O reclame produzindo letras maiores que torres. E as novas formas da indústria, da viação, da aviação. Postes. Gasômetros, rails. Laboratórios. Estrelas familiarizadas com negativos fotográficos. O correspondente da surpresa física em arte.

“Saibam quantos este meu
verso virem

Que te amo
Do amor maior
Que possível for”
(Oferta)



11

A Poesia Pau-Brasil é uma sala de jantar domingueira, com passarinhos cantando na mata resumida das gaiolas, um sujeito magro compondo uma valsa para flauta e a Maricota lendo o jornal. No jornal anda todo o presente.

12

Nenhuma fórmula para a contemporânea expressão do mundo. *Ver com os olhos livres.*

13

“Temos a base dupla e presente — a floresta e a escola. A raça crédula e dualista e a geometria, a álgebra e a química logo depois da mamadeira e do chá de erva-doce. Um misto de ‘dorme, nenê, que o bicho vem pegá’ e de equações.

Uma visão que bata nos cilindros dos moinhos, nas turbinas elétricas, nas usinas produtoras, nas questões cambiais, sem perder de vista o Museu Nacional. Pau-Brasil”.

14

“O estado de inocência substituindo o estado de graça que pode ser uma atitude do espírito.”

15

“O contrapeso da originalidade nativa para inutilizar a adesão acadêmica.

16

“Apenas brasileiros de nossa época. O necessário de química, de mecânica, de economia e de balística. Tudo digerido. Sem *meeting* cultural. Práticos. Experimentais. Poetas. Sem reminiscências livrescas. Sem comparações de apoio. Sem pesquisa etimológica. Sem ontologia.

Bárbaros, crédulos, pitorescos e meigos. Leitores de jornais. Pau-Brasil. A floresta e a escola. O Museu Nacional. A cozinha, o minério e a dança. A vegetação. Pau-Brasil.”

(Trechos do *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* — 18/03/1924)

17

“Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.

Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.”

18

“Tupi, or not tupi that is the question.”

“As coisas são
As coisas vêm
As coisas vão
As coisas
Vão e vêm
Não em vão
As horas
Vão e vêm
Não em vão”
(Relógios)



19

“Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago.”

20

“O que atropelava a verdade era a roupa, o impermeável entre o mundo interior e o mundo exterior. A reação contra o homem vestido. O cinema americano informará.”

21

“Contra todos os importadores de consciência enlatada. A existência palpável da vida. E a mentalidade pré-lógica para o Sr. Lévy-Bruhl estudar.”

22

“Queremos a Revolução Caraíba. Maior que a Revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem.”

"Viveremos
O corsário e o porto
Eu para você
Você para mim
Maria Antonieta d'Alkmin"
(Encerramento e Gran-Finale)



23

“Nunca fomos catequizados. Vivemos através de um direito sonâmbulo. Fizemos Cristo nascer na Bahia. Ou em Belém do Pará.”

24

“Mas nunca admitimos o nascimento da lógica entre nós.”

25

“Contra o Padre Vieira. Autor do nosso primeiro empréstimo, para ganhar comissão. O rei-analfabeto dissera-lhe: ponha isso no papel mas sem muita lábia. Fez-se o empréstimo. Gravou-se o açúcar brasileiro. Vieira deixou o dinheiro em Portugal e nos trouxe a lábia.”

26

“O espírito recusa-se a conceber o espírito sem o corpo. O antropomorfismo. Necessidade da vacina antropofágica. Para o equilíbrio contra as religiões de meridiano. E as aquisições exteriores.”

27

“Tínhamos a justiça codificação da vingança. A ciência codificação da magia. Antropofagia. A transformação permanente do tabu em totem.”

29

“Nunca fomos catequizados. Fizemos foi carnaval. O índio vestido de senador do Império. Fingindo de Pitt. Ou figurando nas óperas de Alencar cheio de bons sentimentos portugueses.”

28

“Contra o mundo reversível e as idéias objetivadas. Cada-verizadas. O *stop* do pensamento que é dinâmico. O indivíduo vítima do sistema. Fonte das injustiças clássicas. Das injustiças românticas. E o esquecimento das conquistas interiores.”

30

“Já tínhamos o comunismo. Já tínhamos a língua surrealista. A idade de ouro.” (...)

“A magia e a vida. Tínhamos a relação e a distribuição

"América do Sul
América do Sol
América do Sal"

(Hip! Hip! Hoover!)



dos bens físicos, dos bens morais, dos bens dignários. E sabíamos transpor o mistério e a morte com o auxílio de algumas formas gramaticais."

31

"Contra as sublimações an-

tagônicas. Trazidas nas caravelas."

32

"Contra a verdade dos povos missionários, definida pela sagacidade de um antropólogo, o Visconde de Cairu: — É mentira muitas vezes repetida."

33

"Mas não foram cruzados que vieram. Foram fugitivos de uma civilização que estamos comendo, porque somos fortes e vingativos como o jabuti."

34

"As migrações. A fuga dos estados tediosos. Contra as escleroses urbanas. Contra os conservatórios e o tédio especulativo."

35

"É preciso partir de um profundo ateísmo para se chegar à idéia de Deus. Mas a carámba não precisava. Porque tinha Guaraci."

36

“Antes de os portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade.”

37

“Contra o índio de tocheiro. O índio filho de Maria, afilhado de Catarina de Médicis e genro de D. Antônio de Mariz.”

38

“A alegria é a prova dos nove.”

39

“Somos concretistas. As idéias tomam conta, reagem, queimam gente nas praças públicas. Suprimamos as idéias e as outras parasitas. Pelos roteiros. Acreditar nos sinais, acreditar nos instrumentos e nas estrelas.”

40

“Contra Goethe, a mãe dos gracos, e a Corte de D. João VI.”

“Lá fora o luar continua
E o trem divide o Brasil
Como um meridiano”

(Noturno)



41

“A luta entre o que se chamaria Incrariado e a Criatura — ilustrada pela contradição permanente do homem e o seu tabu. O amor cotidiano e o modusvivendi capitalista. Antropofagia. Absorção do inimigo sacro. Para transformá-lo em totem. A humana aventura. A terrena finalidade. Porém, só as puras elites conseguiram realizar a antropofagia carnal, que traz em si o mais alto sentido da vida e evita todos os

males identificados por Freud, males catequistas. O que se dá não é uma sublimação do instinto sexual. É a escala termométrica do instinto antropofágico. De carnal, ele se torna eletivo e cria a amizade. Afectivo, o amor. Especulativo, a ciência. Desvia-se e transfere-se. Chegamos ao aviltamento. A baixa antropofagia aglomerada nos pecados de catecismo — a inveja, a usura, a calúnia, o assassinato. Peste dos chamados povos cultos e cristianizados, é contra ela que estamos agindo. Antropófagos.”

42

“A nossa independência ainda não foi proclamada. Frase típica de D. João Vi: — Meu filho, põe essa coroa na tua cabeça, antes que algum aventureiro o faça! Expulsamos a dinastia. É preciso expulsar o espírito bragantino, as ordenações e o rapé de Maria da Fonte.”

43

“Contra a realidade social, vestida e opressora, cadastrada por Freud — a realidade

sem complexos, sem loucura, sem prostituições e sem penitenciárias do matriarcado de Pindorama.”

(Trechos do *Manifesto Antropófago* — Maio de 1928)

44

“A antropofagia ritual é assinalada por Homero entre os gregos e, segundo a documentação do escritor argentino Blanco Villalta, foi encontrada na América entre os povos que haviam atingido uma elevada cultura — astecas, maias, incas. Na expressão de Colombo, *comían los hombres*. Não o faziam, porém, por gula ou por fome. Tratava-se de um rito que, encontrado também nas outras partes do globo, dá a idéia de exprimir um modo de pensar, uma visão do mundo, que caracterizou certa fase primitiva de toda a humanidade.

Considerada, assim, como *Weltanschauung*, mal se presta à interpretação materialista e imoral que dela fizeram os jesuítas e colonizadores. Antes pertence como ato religioso ao rico mundo espiritual do homem primitivo. Contrapõe-se,

em seu sentido harmônico e comunicacional, ao canibalismo que vem a ser a antropofagia por gula e também a antropofagia por fome, conhecida através da crônica das cidades sitiadas e dos viajantes perdidos.”

45

“A operação metafísica que se liga ao rito antropofágico é a da transformação do tabu em totem. Do valor oposto, ao valor favorável. A vida é devoração pura. Nesse devorar, que ameaça a cada minuto a existência humana, cabe ao homem totemizar o tabu. Que é o tabu senão o intocável, o limite? Enquanto na sua escala axiológica fundamental, o homem do Ocidente elevou as categorias do seu conhecimento até Deus, supremo bem, o primitivo instituiu a sua escala de valores até Deus, supremo mal. Há nisso uma radical oposição de conceitos que dá uma radical oposição de conduta.

E tudo se prende à existência de dois hemisférios culturais que dividiram a história em Matriarcado e Patriarcado. Aquele é o mundo do homem

primitivo. Este o do civilizado. Aquele produziu uma cultura antropofágica, este uma cultura messiânica.”

46

“No mundo do homem primitivo, que foi o matriarcado, a sociedade ainda não se dividia em classes. O matriarcado assentava sobre uma tríplice base: o filho de direito materno, a propriedade comum do solo, o Estado sem classes, ou seja, a ausência de Estado. Quando se instaurou o Estado de classes, como consequência da revolução patriarcal, uma classe se apoderara do poder e dirigia as outras. Passava então a ser legal o direito que defendia os interesses dessa classe, criando uma oposição entre esse Direito, o Direito Positivo, e o Direito Natural. Sendo aquele um direito legislado, exigia obediência. Estabeleceu-se então a organização coercitiva que é o Estado, personificação do legal.

Da validade do legal como legal, foi possível a transferência para o domínio do arbítrio de toda emanção de Direito.

Passou a ser o Direito aquilo que negava, pela coa-

ção, a própria natureza do homem. No longo desenvolvimento desse Direito que deu as leis do Patriarcado, o jusnaturalismo sempre reivindicou o seu papel de fonte natural e direita de justiça. Hoje, mais do que nunca, ele surge revigorado pela derrogação, lenta ou revolucionária das formas jurídicas patriarcais que são: o filho de direito paterno, a propriedade privada do solo e o Estado de classes.”

47

“A ruptura histórica com o mundo matriarcal produziu-se quando o homem deixou de devorar o homem para fazê-lo seu escravo. (...)”

De fato, da servidão derivou a divisão do trabalho e a organização da sociedade em classes. Criou-se a técnica e a hierarquia social. E a história do homem passou a ser, como disse Marx, a história da luta de classes.

Uma classe se sobrepôs a todas as outras. Foi a classe sacerdotal. A um mundo sem compromissos com Deus, sucedeu um mundo dependente de um Ser Supremo, distribuidor de recompensas e puni-

ções. Sem a idéia de uma vida futura, seria difícil ao homem suportar a sua condição de escravo. Daí a importância do messianismo na história do patriarcado.

Fora dele, anterior a ele, ficou a reminiscência do sacerdote que defendia a própria função e com ela a vida, dia e noite, rodando em torno de uma árvore, solitário e soturno, à espera do golpe fatal de seu sucessor que o espreitava.

Esse símbolo do sacerdote ligado ao culto como à sua própria existência, que abre o folclore de Frazer no *Ramo de Ouro*, dá bem a imagem do condutor religioso da tribo, de cuja vigilância depende, como a sua, a própria vida do grupo.

Estamos longe desse padre insone do lago de Nemi, quando vemos se desenvolver, na história de todas as religiões, o sacerdócio como sinecura sagrada, muitas vezes confundido com a própria função da realeza. Os reis-padres sucedem-se na organização das primeiras sociedades e quando as duas funções se separam, a do mago que comanda o sobrenatural envolve a outra que de sua sanção passa a depender.”

48

“A historia do sacerdócio caracteriza-se como fonte do que Friedrich Nietzsche havia de chamar a Moral de Escravos. Nos velhos livros religiosos, verifica-se uma coincidência de ordenações, princípios e máximas que poderiam constituir a Cartilha do Escravo Perfeito.”

49

“Contra o sacerdócio, que é ócio sagrado, surge, na sua virulência, o negócio que é a negação do ócio.”

50

“Sacerdócio quer dizer ócio consagrado aos deuses. O ócio não é esse pecado que farisaticamente se aponta como a mãe de todos os vícios. Ao contrário, Aristóteles atribui o progresso das ciências no Egito ao ócio concedido aos pesquisadores e aos homens de pensamento e de estudo. A palavra ócio em grego é *sxolé*, donde se deriva escola. De modo que podemos facilmente distinguir, dentro da sociedade antiga, os

ociosos como os homens que escapavam ao trabalho manual para se dedicarem à especulação e às conquistas do espírito.

No fundo de todas as religiões como de todas as demagogias, está o ócio. O homem aceita o trabalho para conquistar o ócio. E hoje, quando pela técnica e pelo progresso social e político, atingimos a era em que, no dizer de Aristóteles, ‘os fusos trabalham sozinhos’, o homem deixa a sua condição de escravo e penetra de novo no limiar da Idade do Ócio. É um outro Matriarcado que se anuncia.”

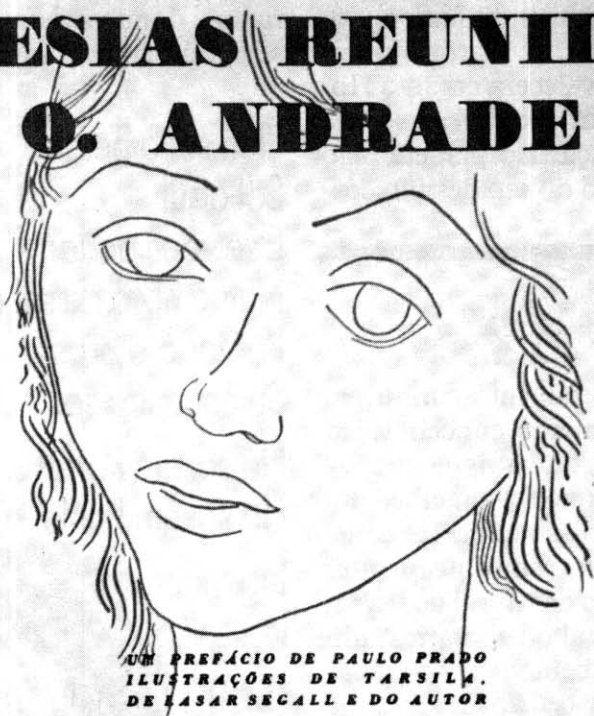
51

“Todas as técnicas sociais, a legislação como a política, a ofelividade como a infortunistica, reduzem o trabalho, o organizam e compensam sobre bases sanitárias e palinódicas. É a partilha do ócio a que todo homem nascido de mulher tem direito. E o ideal comum passa a ser a aposentadoria, que é a metafísica do ócio.

No mundo supertecnizado que se anuncia, quando caírem as barreiras finais do Patriar-

POESIAS REUNIDAS

O. ANDRADE



UM PREFÁCIO DE PAULO PRADO
ILUSTRAÇÕES DE TARSILA
DE LASAR SEGALL E DO AUTOR

EDIÇÕES GAVETA
SÃO PAULO
1945

cado, o homem poderá cevar a sua preguiça inata, mãe da fantasia, da invenção e do amor. E restituir a si mesmo, no fim do seu longo estado de negatividade, na síntese, enfim, da técnica que é civilização e da vida natural que é cultura, o seu instinto lúdico. Sobre a Faber, o Viator e o Sapiens, prevalecerá então o Homo Ludens. À espera serena da devoração do planeta pelo imperativo do seu destino cósmico.”

52

“O cristianismo surgiu em meio da maior concentração proletária da antiguidade — Roma. Há nos evangelhos um curioso dirigismo que faz construir eles sintonicamente, muito além da Moral de Escravos, oriental ou socrática, um código de bem viver no trabalho e para o trabalho.”

53

“Cristo é o primeiro deus trabalhador. Longe do faquirismo asceta de Buda, além dos *divertissements* olímpicos, Jesus Cristo, filho do carpin-

teiro de Nazaré, ele mesmo aprendiz carpinteiro, fundamenta o prodígio mecânico e cria o milagre sanitário. É um deus de sindicato. Anda sobre as águas com São Pedro atrás. Faz-se transportar pelo demônio para o cimo de uma montanha, donde avista o mundo sem binóculo. Transfigura a

“Há sol à bessa
Sol aqui
E se você andar
Numa hora de sol dessas
Por todo o Brasil
Só encontra sol
Há sol em Porto-Galvo
Há sol em Ponta-Porã
No mar
Há sol”
(Sol)



água em vinho, multiplica os pães. Ressuscita Lázaro. Cria a pesca maravilhosa.

As contradições matriarcais que fulgem em Mateus, Marcos e Lucas, os lírios inativos que não tecem e se vestem, a antropofagia eucarística e a Anunciação, que faz o Cristo um filho de Direito materno e um filho do Totem, apenas confirmam o temário do Patriarcado e de suas formas de servidão que é o texto dos evangelhos. Roma foi, na oficina e na guerra social, a síntese do arbítrio judaico, do motor imóvel de Aristóteles e da experiência mística alexandrina. Sem Roma, Cristo não teria ocupado por vinte séculos os cimos messiânicos do Patriarcado. Sem Paulo, o escravo não teria pleiteado a dignidade individual em Cristo que foi a longínqua semente da revolução burguesa. Paulo permanece o seu patrono e o seu guia.”

54

“O clímax do Patriarcado é dado pelo *Hamlet*, de Shakespeare. Aí estrondam alto a vindita e o ressentimento do Príncipe, contra a mãe adúltera.

Vê-se como se delineiam diferentemente os caminhos da vida no Patriarcado e no Patriarcado. Nas primeiras tribos humanas, desligado o ato da geração do ato do amor, não é possível drama algum ante os direitos da mulher à sua existência amorosa. Nos caminhos do Patriarcado, o destino trágico do Príncipe Hamlet, que é o mesmo de Orestes, se repete por milênios. Da *Electra*, de Sófocles, à *Electra*, de O'Neill, passando por Eurípedes, Racine, Goethe e Ibsen, é sempre o drama da inconformação dos filhos, ante a constante libertária dos pais amorosos. É o drama da herança e da propriedade privada.

Hoje, na crise messiânica que se assinala de todo lado, caiu o clímax paternalista. É um filósofo quem oferece a medida dessa revolução nova de leis e de costumes, Jean-Paul Sartre. Em *Les Mouches* glosa o tema da *Oréstia*. Mas de ângulo diverso. Para o Orestes de Sartre, os remorsos são moscas. E pela primeira vez, na literatura, toma um aspecto bufo a reivindicação do vingador dos direitos paternos.”

55

“Sócrates representa a perda do caráter lúdico no homem evoluído. Para suportar a morte prega a idéia salvacionista de sobrevivência”.

cravo. O escravo só podia existir na condição miserável a que estava reduzido, com a esperança messiânica da outra vida. Daí o êxito do cristianismo no desenvolvimento do trabalhador.”

56

“Sócrates exprimira a mudança de espírito produzida pelo esfacelamento do mundo grego. Sua pregação é um apronto para a cultura escrava que se vai aperfeiçoar em Roma nas artes competidoras da guerra como nas artes mecânicas da paz. Os trabalhos de engenharia da antiguidade tinham tido uma base empírica. Agora, na arte do diálogo, que Platão assinala como o dom socrático por excelência, vem toda a pedagogia. Um passo mais, e Aristóteles lançará as bases da lógica clássica. Sem ela, não teria havido a ciência.”

58

“No apóstolo Paulo, ergue-se a monogamia como um instituto agressivo do Patriarcado, frente ao grupo sexual da Idade de Ouro matriarcal. (...)

Encarece-se o papel da monogamia reivindicada para o escravo como esteio da dignidade humana. Mas, por detrás dessa revolução contra a gens, insinua-se a ascese, a pregação da castidade e do celibato.”

59

57

“Primitiva, caótica e desordenada, numa civilização sem relógio, a técnica só podia ser eficiente, apoiada no braço es-

“Com a superação do mundo medieval, o Patriarcado sofre os primeiros embates do espírito moderno. Através dos artistas do Renascimento, redescobre-se o corpo humano. Com Descartes a razão afirma que existe e sobre as técnicas do pensamento a ciência estende um vasto império, até aí insuspeito. São duas incalculá-

veis conquistas. O homem tem corpo e razão. De outro lado, Spinoza, ligando Deus à Natureza, restitui à alma humana o seu sentimento cósmico, fora das injunções do Sacerdócio e da Igreja.

Antes disso, os humanistas lançavam, do fundo de suas utopias revolucionárias, as primeiras ofensivas contra a ortodoxia absolutista.(...) Por mais que surjam contradições no pensamento humanístico, sendo uns pela monogamia, outros pela posse comum das mulheres, em todos, porém, se encontra o germe da inquietação que vai produzir os progressos da nova era e ameaçar o messianismo. (...) O que, porém, faz estremecer e desabar o edifício da Idade Média visionária, sacerdotal e castelã, é o advento econômico da burguesia. Mais do que a pólvora dos canhões, é o dinheiro na sua validade anônima que derroga os privilégios da nobreza feudal e da clerezia usufruária. Numa gigantesca operação de estorno ideológico, o que agora se procura é o êxito na terra. O triunfo no céu importa menos que a moeda à vista, sonante e boa. (...) O burguês não se tornara ainda o explo-

rador genialmente descrito pelo romancista Marx. Ele é o inimigo nº 1 da servidão do campo. (...) O senhor feudal que conserva a economia de Deus, naufraga na dívida, filha diletta da prodigalidade. Na cidade, o burguês economiza. O dinheiro é o agente anônimo da sua força. Junto com a pólvora, ele destrói as pesadas muralhas onde se açoita, impotente, o senhor do latifúndio. É através do dinheiro e, portanto, do crédito que o burguês inicia a sua emancipação. O homem comum pode agora ser alguém. Dispensa os privilégios que destacavam, no fundo amargo das explorações medievais, o barão feudal.

A burguesia, no entanto, cerca-se de todas as precauções paternalistas. É a família monogâmica em face da bastardia do castelo. Data dessa época a instituição da monogamia entre os judeus. E o Direito Romano ressurgue porque é o Direito que garante e defende a propriedade. Uma volta às Doze Tábuas. É o Direito que sustenta a herança. É o Direito que tutela a mulher e a conserva inerte no poder dos agnatas. Ela se vinga. De uma só vez, na Roma da gens patriar-

cal, tinham sido condenadas à morte cento e setenta esposas por envenenamento dos maridos. Agora atenua-se o conflito. Engels afirma que o casamento monogâmico vive sobre duas muletas — o adultério e a prostituição.”

60

“As condições, que o mundo tinha atingido no apogeu da revolução industrial, encontraram seu grande analista. Foi Karl Marx. *O Capital* não é somente a teoria econômica que encerra ou o sonho político que propõe. É sobretudo a fixação psicológica e social das classes em luta. (...)

Baseado numa empolgante documentação, Marx e Engels traçam o novo evangelho que resulta daquele estorno ideológico, quando, no século XVI, se transfere para o êxito e a prestação de contas na terra o que a humanidade ocidental, alentada pelo Sacerdócio, supunha residir no céu.

Face à morada confortável do burguês e à sua vida faustosa, Marx coloca revolucionariamente o cortiço. Entre ambos a fábrica. É tal a força profética desse Moisés que, como o outro, cai às portas da

Terra Prometida, que imediatamente se fixam bases dogmáticas para a luta do proletariado. (...)

As premissas de Marx vieram produzir a atualidade da URSS. É que o estado de Negatividade, o segundo termo de Kojève, que devia ser superado, consolidou-se no sectarismo obreiro. O operariado evoluiu, não é mais o que Marx fixou nas páginas lancinantes d'*O Capital*, (...) Que é hoje o proletariado? Nas suas indefinidas fronteiras junta-se uma humanidade estuante que reclama a repartição da mais-valia. Seria esconder a realidade, afirmar que, fora da URSS, por meio das leis sociais, não se realiza um fenómeno ascensional de redistribuição dos lucros. Evidentemente, certos grupos detêm ainda na mão privilégios abusivos. E contra isto se luta de todas as maneiras.

Mas o mundo mudou. O que era messianismo, fenómeno de caos na sucessão de crises de conjuntura que deu afinal a crise de estrutura do regime burguês, tornou-se sacerdócio empedernido e dogma imutável na URSS. Houve uma grosseira escamoteação do problema. Evoluída a clas-

se trabalhadora, perdidos os seus contornos, a ditadura de classe se substitui pela ditadura de partido. O fenômeno que deu o fascismo instalou-se no coração revolucionário da URSS e produziu o colapso de sua alta mensagem.”

61

“No prenúncio atual de um novo Matriarcado, que se processa na crise do parentesco, onde quase ninguém mais procura ser pai, esposo, filho — o marxismo militante fixou-se no setor da propriedade. O Estado que se reforçara para se extinguir, prolonga e fortalece os seus arsenais armados, no argumento, sem dúvida exato, de que luta contra o imperialismo.”

62

“O marxismo militante engajou-se na economia do Haver (Patriarcado), escapando às injunções históricas da economia do Ser (Matriarcado).

E na alienação, no dinheiro, na filosofia do dinheiro, prossegue, dentro da atualidade russa, o surto enuciado pela economia do renascimento. O

Estado assume a idolatria do dinheiro. E para ligar com férreas ataduras policiais a massa sufocada, dentro da fórmula áspera de Paulo, “quem não trabalha não come”, utiliza a lógica de Aristóteles e a metódica de Sorel, dentro da cortina de ferro de seus limites geográficos e políticos.”

63

“Quem poderia prever, quem ousaria sonhar que o messianismo em que se bipartiu a religião do Cristo (Reforma e Contra-Reforma) iria medrar no terreno sáfaro das reivindicações materialistas do marxismo? Uma pequena correção no texto dos *Exercícios Espirituais* daria esta proclamação comunista: “Minha vontade é conquistar os povos que estão sob o domínio da burguesia. Que lutem todos como eu para que depois dos sofrimentos venham as festas da vitória”. No fundo, refulge a promessa messiânica.”

64

“Pelas condições históricas do progresso técnico e social, o trabalhador deixou de ser o pilar das teses românticas de

Marx. Mas a autocrítica desapareceu. Toda a crítica naufraga no sectarismo. O perfeito militante é o mesmo boneco farisaico do puritanismo — socrático ou americano — que se apresentou ao mundo para edificá-lo, pedante, cretino, faccioso. E não seria mais estranho ouvirmos, uma noite, pela boca universal da Rádio-Moscou, que foi proclamado o Dogma da Imaculada Revolução.”

65

“A metafísica está nas fábricas. Eis a exata posição ideológica da URSS. E fora dos seus limites, assiste-se a um teimoso esforço para a revalidação das vencidas soluções do Patriarcado.

Não passa de um embuste a axiologia que reconduz o mundo a Deus, supremo Valor. Toda a hierarquização, que se tenta através da Filosofia dos Valores, constitui posição tomada e obedece ao surrado esquema das idéias platônicas que têm como vértice o Bem. Surge de novo a escamoteação do problema do Mal que o dualismo masdaísta da Pérsia tinha levado ao seio das heresias gnósticas. Se a Grécia ti-

vesse sido derrotada em Salamina, talvez fosse diverso o destino ideológico do mundo.”

66

“A psicanálise custou a compreender que era preciso atacar o Superego paternalista (...) Nenhum sentido, por exemplo, teria num regime matriarcal o que os freudistas chamam de ‘complexo de castração’, pois nenhuma diminuição pessoal da mulher traria a constatação de ela possuir um sexo diverso do homem. Somente a idéia de domínio do irmão — invenção patriarcalista — poderia, numa já complexa fase psíquica, trazer à criança qualquer ligação do fenômeno doméstico de preponderância com o fato fálico. Seria necessário revisar Freud e seus epígonos, despindo-os, em rigorosa psicanálise, dos resíduos vigentes da formação cristã-ocidental de que todos derivaram. A importância catastrófica atribuída a Don Juan, numa tribo poligâmica, seria ridícula. Don Juan é uma criação do Patriarcado. Um forte organismo de agressão nos domínios do pecado contra a herança e a legitimidade.

Todas as suas vítimas do período econômico-moral da Renascença e do Romantismo, seriam hoje, na América, vulgares divorciadas, usando, é claro, métodos anticoncepcionais e solidões de arranha-céu.

Evidentemente o freudismo se ressentia dos resíduos de sua formação paternalista. Falta a Freud e a seus gloriosos sequazes a dimensão Bachofen. Eles não viram que suas pesquisas se limitavam e sua interpretação se deformava, na pauta histórica do Patriarcado. (...)”

67

“Numa sociedade, onde a figura do pai se tenha substituído pela da sociedade, tudo tende a mudar. Desaparece a hostilidade contra o pai individual que traz em si a marca natural do arbítrio. No Patriarcado é o senso do Superego tribal que se instala na formação da adolescência.

Numa cultura matriarcal, o que se interioriza no adolescente não é mais a figura hostil do pai-indivíduo, e, sim, a imagem do grupo social.

Nessa confusão que o Patriarcado gerou, atribuindo ao padrasto — marido da mãe —

o caráter de pai e senhor, é que se fixaram os complexos essenciais da castração e de Édipo.”

68

“O homem, o animal fideísta, o animal que crê e obedece, chegou ao termo do seu estado de Negatividade, às portas de ouro de uma nova idade do ócio. Nela não se propõe o problema da liberdade. Esta só existe como reivindicação, quando o homem passa a escravizar o próprio homem, a negar-se como Ser determinado por ela, a liberdade, isto é, no Patriarcado. Aí, ela é a consciência da necessidade. No vocabulário da servidão ela é a humana tendência do retorno ao justo que é o natural”.

69

“Schopenhauer disse que, só na união de todas as vontades numa só vontade, pode existir ética. É verdade. Fora disso, há éticas de classe, desde Aristóteles. No mundo sem classes que se procura atingir, a ética e a equidade substituirão as deformações interessadas do Direito Positivo.

O inexplicável para críticos, sociólogos e historiadores,

muitas vezes decorre de eles ignorarem um sentimento que acompanha o homem em todas as idades e que chamamos de constante lúdica.”

“Pra m’inspirar
Abro a janela
Como um jornal
Vou fazer
A balada
Do Esplanada
E ficar sendo
O menestrel
De meu hotel
Mas não há poesia
Num hotel
Mesmo sendo
‘Splanada
Ou Grande Hotel’
Há poesia
Na dor
Na flor
No beija-flor
No elevador”

(Balada do Esplanada)

70

“O homem é o animal que vive entre dois grandes brinquedos — o Amor onde ganha, a Morte onde perde. Por isso, inventou as artes plásticas, a poesia, a dança, a música, o teatro, o circo e, enfim, o cinema.”

71

“Ainda uma vez hoje se procura justificar politicamente as artes, dirigi-las, oprimi-las, fazê-las servirem a uma causa ou uma razão de Estado. É inútil.

A arte livre, brinco e problema emotivo, ressurgirá sempre porque sua última motivação reside nos arcanos da alma lúdica.”

72

“No imenso combate contemporâneo, os Estados Unidos são acusados de dois crimes: a acumulação capitalista — que, numa época avançada como a nossa, é inexplicável nas mãos de alguns privilegiados — e o imperialismo, de cujas formas agrestes, na verdade, se despojou. Mas, sem dú-

"Para dizerem milho
dizem mio
Para melhor dizem mió
Para pior pió
Para telhas dizem teia
Para telhado dizem teiado
E vão fazendo telhados"

(Vício na fala)



vida, é na América que está criado o clima do mundo lúdico e o clima do mundo técnico aberto para o futuro."

73

"A descristianização da vida, segue-se a descristianização da morte. Procura-se na Amé-

rica levar às últimas consequências a concepção estoica do primitivo ante a morte, considerada ato de devoração pura, natural e necessário. Já existem as casas serenas para onde se conduz o extinto entre jardins floridos, absolutamente libertos da austeridade funerária do passado. Qualquer recém-vindo a uma cidade que pretenda habitar, recebe não só a caderneta do empório como a proposta de pagamento a prestações, de seu próprio enterro. Todo o aparato horrífico da morte cristã, que prenunciava o terror do Juízo Final, toda a plástica funerária do cristianismo que entreabria as portas do inferno sob altares e tocheiros, desaparece ante o mundo lúdico que se anuncia."

74

"Um filósofo como Karl Jaspers não compreende o que significa, para a massa democrática que sobe, o esporte, o recordismo, a glória de Tarzã e a *glamour girl*. Não compreende que o mundo do trabalho, graças à técnica e ao progresso humano, passa os encargos sociais para a máquina

e procura realizar na terra o ócio prometido pelas religiões no céu.”

75

“Uma filosofia do êxito contrapõe-se à filosofia do desespero, brotada do seio hamléutico de Sören Kierkegaard. Esta não passa além das fronteiras da burguesia culta que, constatando a mediocridade do cotidiano na sua frustração de classe, opina pela angústia como solução e pelo projeto como ideal.”

(Trechos de *A Crise da Filosofia Messiânica* — 1950)

76

“Como poucos, eu conheci as lutas e as tempestades. Como poucos, eu amei a palavra Liberdade e por ela briguei.”

77

“A verdade é sempre a realidade interpretada, acomodada a um fim construtivo e pedagógico, é a *Gestalt* que suprime a dispersão do detalhe e a inutilidade do efêmero.”

78

“(…) tendo da Igreja a pior idéia, nunca deixei de manter em mim um profundo sentimento religioso, de que nunca tentei me libertar. A isso chamo eu hoje sentimento órfico. Penso que é uma dimensão do homem. Que dele ninguém foge e que não se conhece tribo indígena ou povo civilizado que não pague este tributo ao mundo subterrâneo em que o homem mergulha. A religião existe como sentimento inato que através do tempo e do local toma essa ou aquela orientação, este ou aquele compromisso ideológico e confessional, podendo também não assumir nenhum e transferir-se numa operação freudiana. O Positivismo fez disso uma experiência definitiva. Augusto Comte, com todo o rigor materialista e matemático de suas convicções, acabou místico e metafísico como qualquer Papa. Em vez de sacrificar à Nossa Senhora de Lourdes, sacrificou à Clotilde de Vaux. A esse instinto, que é impossível deslocar do homem, chamo, como já disse, de sentimento órfico. Hoje a política, a cena, o esporte, também criam divi-

nizações e mitos. Vide Lenin, Mussolini, Hitler, Stalin, os futebolistas, as estrelas. Apenas, os homens querem ver de perto seus deuses.”

80

“Castro Alves teve um destino augural. Ele criou, para o Brasil, o vocábulo da liberdade.”

79

“A quantidade e a qualidade do órfico católico que me ofereceram foram fracas e sobretudo mal escudadas pela apologética cristã e por sua absurda e hipócrita moral. Desde cedo me entrou pelos olhos a incapacidade da transformação do homem pelo cristianismo ou de sua ação regeneradora. O número de rezadores precaminosos e de padres sujos era demasiado para poder iludir mesmo minha desprevenida adolescência. Aliás, os sacrifícios exigidos por mamãe, a abstinência de carne, terços inteiros rezados de joelho, guardas chatíssimas de Santíssimo, tudo acrescentava à antipatia por aquele culto cheio de sermões horrorosos, missas maçantes e confissões paliativas.”

(Trechos retirados do livro *Um Homem sem profissão*)

81

“Não têm razão os que acreditam que a sociedade futura, racionalizada e mecanizada, perderá o interesse necessário à criação de uma arte e de uma literatura, pois que a sociedade terá sempre, dentro dela, os seus antagonismos, e a sua expressão será sempre traduzida pela literatura e pela arte.

São os literatos, os pintores, os escultores e os músicos as próprias vozes do homem através da sua atribulada história no planeta. E, enquanto ele for homem, não deixará de falar.”

82

“O marco representativo do que se pode chamar de modernismo, englobando nessa palavra as manifestações mais diversas e mesmo antagônicas produzidas pela revolta contra as fórmulas herdadas do ro-

91

mantismo e do naturalismo que fizeram o caráter do século XIX, é o *Ulisses*, de James Joyce.

(...) Em Joyce temos imediatamente a impressão de nenhuma militância, de nenhuma fé esposada, pois a sua indiferença pelos credos políticos vigentes em nada deforma a realidade física de suas cenas e de seus personagens. Mas há, no entanto, uma marcante oposição aos processos correntes da escrita no gigantesco trabalho técnico de suas páginas. Joyce visto dessa forma torna-se um dos mais gloriosos líderes do mundo renovado, pelo que tanto se luta. Na técnica do *Ulisses* naufragam todas as velharias do romance de um século e com elas o próprio espírito desse século.”

83

“A vida não é em ordem direta, nem é em ordem direta que se processam as histórias de cada homem, de modo a vir a ser uma deformação a cronologia de episódios sucessivos que nos oferecem os naturalistas nas suas narrativas.”

84

“De fato, a fadiga se aposa de nossos olhos exigentes toda vez que topamos com um romance comum, seja ele do Sr. Armando Fontes ou do Sr. Bernanos. Quanto penetrar na emaranhada aventura de *Ulisses* é ainda um dos mais gostosos prazeres da vida intelectual. Da quebra do material, do recosimento da língua, da estruturação verbal nova, obtém Joyce surpresas admiráveis na própria ordem direta. São aqueles ‘caminhava na noite violeta sob a influência dos astros barrocos’ ou ‘o sorriso sutil e demente da Morte’ — regiões inatingíveis ao velho trote regular dos narradores ausentes da experiência modernista ou avessos a ela.”

85

“A literatura paulista caiu com o café. É verdade que do modernismo, cavalões, cavaleiros e protancas continuaram a correr de vez em quando nos prados particulares que cercam seus *estandes*. Como as letras do Estado líder coincidiam, na sua alta, com o café, a duzentos mil réis a saca, desceram na

depressão o seu brilho e o seu comando. Ouviram-se então as vozes angustiadas do Norte: esse admirável criador de homens que é Graciliano Ramos, a temperatura alta de 'Jubiabá', e mais glórias da mitologia social de Jorge Amado, as experiências estilísticas de Jorge de Lima.

Enquanto o Sul dava a contribuição de Érico Veríssimo e Dionélio Machado e Minas iniciava o aparecimento de 'conteurs' e romancistas.

Foi nos Estados, que não tinham conhecido a vertigem do 'boom' nacional e seus consequentes avanços progressistas, que a produção literária lentamente se afirmou. Assim, ela não derivava propriamente de depressão alguma. Ao contrário, depois de 30 é que se manifestou nessas regiões do país uma maior ascensão e uma melhor estabilidade econômica. Ascensão e estabilidade que revelam o saco vazio de sua mealha nas páginas geralmente trágicas das narrativas que já lhes fixaram os contornos. A depressão veio profunda e espetacular nas regiões auríferas do café e dela agora se prenuncia uma literatura que promete fazer retornar São

Paulo às possíveis alturas que atingiu na era modernista.(...)

Se compararmos os livros do Norte e do Sul que ilustram o período de 30 para cá, com as magras ameaças da ressurreição intelectual paulista, uma coisa se nota para benefício de São Paulo. É que o vanguardismo, as preocupações da técnica e do melhor padrão, continuam a alarmar tanto o artista como o escritor bandeirante. Enquanto o Norte e o Sul produziram mais uma literatura de depoimento, é em São Paulo que se procura, ainda, forjar a melhor têmpera expressional de quadros, livros e poemas. O cuidado de estar ao par, de se colocar na linha mais avançada do estilo literário e artístico, como o de desenvolver aqui as manifestações últimas produzidas pelo espírito das civilizações mais cultas, tem salvo São Paulo da modorra em que adormeceram suas energias depois da queda do café."

86

"Somos o país do *Homem Cordial*, de Sérgio Buarque, e da *Cobra Grande*, de Bopp. Fomos arrastados para o colé-

gio pelo jesuíta. Péssimos alunos, gostando de birimbau e de olhar pela janela o trilo dos pássaros, em vez de decorar as declinações.”

87

“O próprio Cristo não soube responder à pergunta de Pilatos — *Que é a verdade?* — porque a verdade é sempre uma afirmação interessada. A verdade sempre exprime uma opinião. E por isso o mundo é um conflito entre verdades, ou, se melhor quiserem, um conflito de opiniões.”

88

“O que o homem quer é brigar. Pela ‘sua verdade’ que em geral é apenas a máscara de sua fome.”

89

“É preciso sobretudo não continuar a confundir barbarismo com primitivismo. Hoje, através de definidas posições sociológicas, há uma pesquisa simpática pela vida e pela mentalidade dos povos originários, isto é, os que mantêm a sua cultura mais ou menos

intacta, face à deformação do homem produzido pelo ‘mundo civilizado’. Entre nós, o sábio Roger Bastide, com sua autoridade, tem procurado opor-se ao preconceito ‘civilizado’ que domina nossa mentalidade universitária. Enquanto isso, mesmo alguns dos nossos indianistas são simples professores colonizados pela velha e vencida mentalidade européia.”

“Eu sou redondo, rendondo
Redondo, redondo eu sei
Eu sou uma redond’ilha
Das mulheres que beije!”

(Epitáfio)



90

“O ‘homem primitivo’ ressurge hoje como a soma de seus direitos e concepções, não na imagem romântica de Rousseau, que produziu uma sociologia de piquenique, mas na sadia visão de Montaigne, que soube como ninguém anunciar o canibal. Contra os comedores de gente viva, que é como ele classificava os mandões de sua época, ele opunha os comedores de gente viva, que é como ele classificava os mandões de sua época, ele opunha os comedores de gente morta, como coisa melhor.”

91

“Com ou sem o átomo dividido e utilizado, o homem é o mesmo devorador incansável do seu semelhante.”

92

“O Brasil é um país de escravos que teimam em ser homens livres. É essa toda a nossa tragédia. Viemos da Europa nesses quatrocentos anos para fugir à escravidão econômica. O índio aqui nunca deixou de morrer pela sua liber-

dade. E o negro se libertou, antes mesmo do decreto isabelino, nas veias mestiças do serenatista e dos barões. Contra esse imperativo da liberdade, existe outro — o da mania de mandar e oprimir — que é oriundo da nossa equação nacional.”

93

“Somos todos mais ou menos personagens de ‘O Processo’; de Kafka. Não sabemos nunca se quem bate à nossa porta é o vendedor de enceradeira — uma solução Cocteau ou, o que é mais certo, o capucho que nos vai levar à guilhotina.

Sob o signo da intranquilidade e da desavença, o mundo muda. Não para o otimismo cretino anunciado por Leibnitz. Para o otimismo sanguinário das fogueiras soviéticas que querem de novo salvar a nossa alma. Para que tenhamos sempre à vista um confessor e um carrasco. Enquanto não se esfacelar em sangue a espinha dorsal das certezas messiânicas, sob o aspecto do salvacionismo ou do ‘melhor dos mundos’, pagaremos caro

95

nossas infantis ilusões, nossa crença e nosso amor. E sere-mos devorados na dialética do absurdo.”

(Trechos retirados do livro *Telefonemas*)

94

“No *humour* reside o catas-trófico e talvez no catastrófi-co toda a natureza humana.”

95

“A base do *humour* é feita mais que de autocritica, de au-toflagelação... Quem se escu-lhamba, sabe esculhambar os outros e até as coisas. As coi-sas, o mundo das coisas. As coisas têm uma vida temível nesses três dialetas implacá-veis. Elas existem fora das combinações humanas. E in-tervêm. O *roofs* de Chelsea! E eles reagem submissamente diante da força surda das coi-sas. Que são, mais que cegas, surdas. Porque não escutam o clamor dos peitos aflitos, ar-quejantes, sedentos dum mun-do de justiça, e de beleza. dum mundo melhor.”

96

“E que é Hamlet senão o pior caso de *humour* do mun-do? Um sujeito educado, um príncipe na valsa, caçoando do pai que virou fantasma. É Ma-chado indo enterrar a mãe pre-ta, sem poder contar, sem ter a capacidade grosseira de con-tar à roda de sujeitos bem pos-tos que o fizera, que ele cen-tralizava. Só caçoando mes-mo... — Vou a um enterro... Nada mais.”

(Trechos retirados do livro *Ponta de Lança*)

97

Se há ainda alguma coisa que salva este país, é a litera-tura.

98

Minha experiência pessoal me conduziu agora a crer, com o admirável Camus, que nada há de mais odioso que o pen-samento satisfeito e a obra que prova. Nada mais odioso do que a tese na obra da arte.

Todo mundo sabe que eu sou contra a “literatura de tração animal”, pois creio que à época veloz de hoje não podem mais corresponder as formas de expressão lentas e monótonas de criação literária passada. Não digo que erre, como faz habitualmente Tristão de Athayde. Mas não devo ter completa razão. Ou melhor às minhas razões opõem-se outras muito fortes. O Brasil precisa de carne na sua literatura em crescimento. Há um Brasil marcado pela carne do flagelismo. É o que eu chamo de ciclo da Bagaceira, onde a obra de José Lins do Rego fulge como um látego social. Mas basta de explorar o nosso filão trágico do campo. Ele já nos deu algumas jóias.

Esse jecacentrismo, iniciado por Lobato, mesmo antes da Semana, esgotou a suas possibilidades. E só pode interessar quando no terno novo de um Guimarães Rosa, por exemplo.

Aliás, o próprio José Lins vai-se convencendo disso e abandona a pública promoção que tão bem exerceu contra os latifundiários do açúcar.

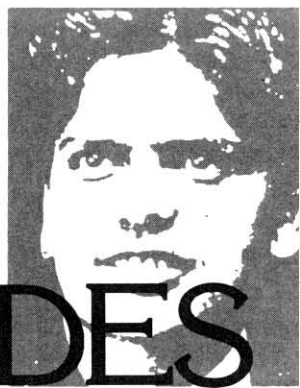
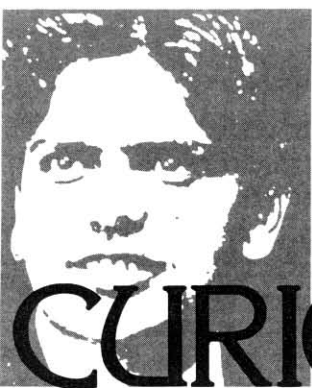
Outros nordestinos, como Alírio Vanderlei e Lêdo Ivo também já se destacaram dos temas do engenho ou da seca. Basta de flagelados físicos ou sociais. Agora o problema já está no Congresso. — 8110/47

100

O vocábulo oculta o ser e sobre o ser, trânsfuga do conhecimento, a poesia joga um rendado manto de palavras. Com que fim? Diz William Blake que o conhecimento poético limpa as vidraças da percepção para tornar as coisas infinitas.

101

Seria o jogo a constante expressional da poesia? Ou é o poeta apenas um demente, um parafrênico que abomina a utilidade do vocábulo, empregando a palavra como valor plástico e musical para seus delírios?



CURIOSIDADES



O

swald sempre gostou de se cercar

de gente, principalmente de pessoas mais jovens e que tivessem algum interesse intelectual. Gostava de conversar orientar e colocar suas idéias acerca do mundo e da arte. Conta Afrânio Zuccolotto, um dos freqüentadores da casa do poeta, na década de trinta, que

“Esse Oswald de Andrade, que indicava livros para os moços, que os tratava com afabilidade e os incentivava, era também um constante gracejador. Se alguém aludia

à sua fama e aos seus muitos casamentos, respondia que eram tudo balelas, pois sempre fora partidário da monogamia. Da monogamia sucessiva — acrescentava. Sem deixar de gracejar, guardava, entretanto, perfeita discrição sobre os seus episódios matrimoniais. Elogiava Tarsila do Amaral. Explicava: ‘Separamo-nos por incompatibilidade de gênios.’ E frisava: ‘de gênios.’ Costumava perguntar nossa opinião sobre os livros que nos recomendava. Acerca de um deles dissemos que o autor abusava do trocadilho. ‘Que mal há nisso?’, observou. ‘Á igreja foi fundada sobre um trocadilho: Pedro, tu és pedra’...”

As respostas desconcertantes e o humor mordaz são características que existiam no poeta desde menino, e já então ele sabia que estas eram suas grandes armas contra o inimigo. Conta ele que na escola, no quarto ano ginasial:

“Encontrei pela minha frente um professor teutônico, pré-nazista, de peito emproado, purista e auto-

ritário. Sua figura marcial invadira o ginásio e tomara assento em todas as posições. Era professor tanto de português como de alemão ou grego, de geografia e matemática. Chamava-se Carlos Augusto Germano Kinipell e era um produto da Faculdade de Direito, de que fazia os mais elevados elogios. Para ele, ser bacharel pela escola do Largo de São Francisco traduzia um incalculável penhor de saber e de caráter.(...) Vi-me logo condenado a repetir o quarto ano, ameaça que ele fez abertamente em classe. Seria de fato difícil a promoção de quem caísse no seu desagrado, pois ele lecionava em pessoa a maioria das disciplinas e substituíra com facilidade todos os lentes. Diziam que era um grande tomador de café e embirrava supinamente com a sujeira de meus dedos e a desordem dos meus cabelos. Aproximando-se os exames do fim de ano, meu duelo desigual com o *Doutor Kinipel* atingiu o auge. Ele tinha nas mãos possantes e hostis quase todas as bancas. O primeiro exame em que eu o defrontei foi o de Corografia do Brasil, de que ele era cate-drático. (...) Na hora em que

ia ser oferecido em sacrifício à ferocidade do professor, a sala de exame se encheu de colegas. Todo o mundo queria assistir ao sádico espetáculo. Tirei o ponto: 'Portos de Segunda Ordem'.

Sentei-me aterrado diante da banca onde ladeavam o catedrático os professores Batista Pereira e Câmara Lopes. Procurava lembrar-me dos nomes em ordem alfabética dos portos de segunda ordem, quando *Kinipel* gritou:

— Não, senhor, não quero nada de cor! O senhor vai realizar uma viagem estranha! Vai subir num navio num porto do Estado do Rio Grande do Sul e desembarcar na Bahia. Exijo apenas uma condição para aprová-lo: que não entre nesse percurso em nenhum porto de primeira ordem. Vamos!'

Comecei timidamente por Torres, toquei em Florianópolis que, apesar de ser capital do Estado de Santa Catarina, era um porto de segunda ordem. Esbarrei em Paranaguá e penetrei em águas de meu Estado, o Estado de São Paulo. — Iguape, Cananéia. — Ia inevitavelmente entrar

em Santos, mas, me retirei a tempo. Passei para São Sebastião, Ubatuba, Parati e, não achando meio, na minha pobre e mal exercitada memória cartográfica, onde pôr o pé, exclamei: — Rio de Janeiro!

Foi uma gargalhada geral. Era o que ele esperava. Gritou:

‘— Rio de Janeiro! A Capital da República, porto de segunda ordem! Vou expulsá-lo da banca!’

Mais morto do que vivo, eu respondi:

— Desci para ir de barca a Niterói!

O estrépito da classe atingiu o delírio. Vermelho, *Kinipel* gesticulava:

‘— Ponha-se daqui!’

‘Os dois outros riam, gozando. A classe levantara-se e tomara conta de mim, erguendo-me nos braços e levando-me assim em triunfo pelos corredores do ginásio.’

O circo foi a grande descoberta de alegria e liberdade para o menino Oswald. Tais lembranças o poe-

ta sempre as carregou consigo:

“O circo foi um deslumbrado céu aberto na secura de emoções que me cercava. Não só a banda de música, ginastas, cavalos e feras. Mas era o espetáculo em si que subvertia a monotonia do meu cotidiano. As mocinhas de maiô entraram em meus olhos e aí permaneceram. Nas noites de camisolão, elas foram meu pasto e minha festa. Nesse tempo, aqui, ninguém usava pijama e minha mãe, à entrada de cada inverno, me presentava com um comprido e folgado camisolão de boa lã daquele tempo.

Aureolada de litografias de santos de todos os feitios, onde se destacava, além do insípido São José, uma ternura encaracolada de São João menino, com um cordeirinho nos braços, a minha cama ressuscitava o circo na penumbra vacilante, onde uma lamparina votiva se ascendia ante o austero oratório da família.

Minha mãe tinha permanecido ali horas, conversando com a custódia de prata, onde, no centro, faiscava o Espírito Santo que era uma

pombinha de ouro. Tinha longamente relatado aos santos as dificuldades de Seu Andrade, o arruamento incipiente dos terrenos da Vila Cerqueira César que ele comprara, as dores das comadres, os problemas dos parentes e amigos. Gesticulava na sombra, gorda, baixa, convincente, os cabelos ralos tendendo ao grisalho. Depois me olhava, abençoando, e desaparecia para o seu quarto ao lado.

Então se descerravam os umbrais de meu mundo secreto. Geralmente uma daquelas moças tinha partido o calção na ginástica e subia os degraus da galeria para que eu o ajustasse. O camisolão azul era o pano do circo que o mastro central enfunava. E as ‘pastorinhas de meu sexo’ do poeta Luís Coelho, pelos olhos encantados da invenção, vinham até mim, para consertar, róseas, frescas, faiscantes, os seus maiôs rasgados.”

“Oswald, em seus artigos mordazes, nunca se esqueceu dos apelidos ferinos que gostava de dar ao adversário: chamou Jorge Amado de ‘O Rasputim da Linha Justa’; Cassiano Ricardo de ‘Ra-

tazana ao Molho Pardo’, Paulo Emílio Salles Gomes foi apelidado, certa vez, de ‘Piolho da Revolução’. Luiz Carlos Prestes, ‘O Albatroz’; Plínio Salgado era ‘Plínio Tômbola’ e Mário de Andrade, que não poupou, ‘O Pai João das Letras’, também alvo de uma piada: ‘Razões Moraes de Andrade’.

O poeta sempre escandalizou, quer seja por seus atos livres e excentricidades, quer seja por seus artigos polêmicos, e muitas vezes ferinamente irônicos. Seus sarcasmos, no entanto, nunca foram gratuitos, como muita gente quis fazer crer, pois ele era, antes de mais nada, uma pessoa íntegra. Antônio Cândido, que o conheceu pessoalmente, conta no livro *Digressão Sentimental sobre Oswald de Andrade*:

“(…) esse Oswald lendário e anedótico tem razão de ser: a sua elaboração pelo público manifesta o que o mundo burguês de uma cidade provinciana enxergava de perigoso e negativo para os seus valores artísticos sociais. Ele escandalizava pelo fato de

badora de sua autocrítica, onde não poupou nem mesmo a antropofagia, [que alguns anos depois retomou, aprofundando suas colocações, principalmente na tese *A Crise da Filosofia Messiânica* (195)]:

“O mal foi ter eu medido o meu avanço sobre o cabresto metrificado e nacionalista de duas remotas alimárias — Bilac e Coelho Neto. O erro ter corrido na mesma pista inexistente.

Inaugurara o Rio aí por 16 ou 15. O que me fazia tomar o trem da Central e escrever em francês, era uma enroscada de paixão, mais que outra veleidade. Andava comigo pra cá pra lá, tresnoitado e escrofuloso, Guilherme de Almeida — quem diria? — a futura Marquesa de Santos do Pedro I navio!

O anarquismo da minha formação foi incorporado à estupidez letrada da semicolônia. Frequentei do repulsivo Goulart de Andrade ao glabro João do Rio, do bundudo Martins Fontes ao bestalhão Graça Aranha. Embarquei, sem dificuldade, na ala molhada das letras, onde esfuiziava gordamente Emílio de Menezes.

A situação ‘revolucionária’ desta bosta mental subamericana, apresentava-se assim: o contrário do burguês não era o proletário — era o boêmio! As massas, ignoradas no território e, como hoje, sob a completa devassidão econômica dos políticos e dos ricos. Os intelectuais brincando de roda. De vez em quando davam tiros entre rimas. O único sujeito que conhecia a questão social vinha a ser meu primo-torto Domingos Ribeiro Filho, prestigiado no Café Papagaio. Com pouco dinheiro, mas fora do eixo revolucionário do mundo, ignorando o Manifesto Comunista e não querendo ser burguês, passei naturalmente a ser boêmio.

Tinha feito uma viagem. Conhecera a Europa ‘pacífica’ de 1912. Uma sincera amizade pela ralé noctívaga da *butte* Montmartre, me confirmava na tendência caraspanal com que aqui, nos bares, a minha sociedade feudal que pressentia. Enfim, eu tinha passado por Londres, de barba, sem perceber Karl Marx.

Dois palhaços da burguesia — um paranaense, outro internacional *‘le pirate*

"Viveremos
O corsário e o porto
Eu para você
Você para mim
Maria Antonieta d'Alkmin"
(Encerramento e Gran-Finale)



du lac Lemán' — me fizeram perder tempo: Emílio de Menezes e Blaise Cendrars. Fui com eles um palhaço de classe. Acoroçado por expectativas, aplausos e quimeras capitalistas, o meu ser literário atolou diversas vezes na trincheira social reacionária. Logicamente tinha que ficar católico. A graça ilumina sempre os espólios fartos. Mas quando já estava ajoelhado (com Jean Cocteau!) ante a Virgem Maria e prestando atenção na *Idade Média* de São Tomás, um padre e um arcebispo me bateram a carteira herdada, num meio-dia policiado de São Paulo afarista. Segurei-os a tempo pela batina. Mas humanamente descri. Dom Leme logo chamara para seu secretário particular a pivete principal da bandalheira.

Continuei na burguesia, de que, mais que aliado, fui índice cretino, sentimental e poético. Ditei a moda Vieira para o Brasil Colonial no esperma aventureiro de um triestino, proletário de rei, alfaiate de Dom João 6º.

Do meu fundamental anarquismo jorrava sempre uma fonte sadia, o sarcasmo. Servi à burguesia sem

"No baile da Corte
Foi o Conde d'Eu quem disse
Pra Dona Benvinda
Que farinha de Suruí
Pinga de Parati
Fumo de Baependi
É comê bebê pitá e cai"

(Relicário)



nela crer. Como o cortesão explorado cortava as roupas ridículas do Regente.

Eis porém que o parque industrial de São Paulo era um parque de transformação. Com matéria-prima importada. Às vezes originária do próprio solo. Macunaíma.



A valorização do café foi uma operação imperialista. A poesia 'Pau-Brasil' também. Isso tinha que ruir com as cornetas da crise. Como ruiu quase toda a literatura brasileira 'de vanguarda', provinciana e suspeita, quando não extremamente esgotada e reacionária. Ficou da minha este livro. Um documento. Um gráfico. O brasileiro à toa na maré alta da última etapa do capitalismo. Fanchono. Oportunista e revoltoso. Conservador e sexual. Casado na polícia. Passando de pequeno-burguês e funcionário climático a dançarino e turista. Como solução, o nudismo transatlântico. No apogeu histórico da fortuna burguesa. Da fortuna mal-adquirida.

Publico-o no seu texto integral, terminado em 1928. Necrológio da burguesia. Epitáfio do que fui.

Enquanto os padres, de parceria sacrílega, em São Paulo, com o professor Mário de Andrade e no Rio com o robusto Schmidt, cantam e entoam, nas últimas novenas repletas do Brasil:

No céu, no céu
com 'sua' mãe estarei!

eu prefiro simplesmente me declarar enojado de tudo. E possuído de uma única vontade: ser, pelo menos, casaca de ferro na Revolução Proletária.

O caminho a seguir é duro, os compromissos opostos são enormes, as taras e as hesitações maiores ainda.

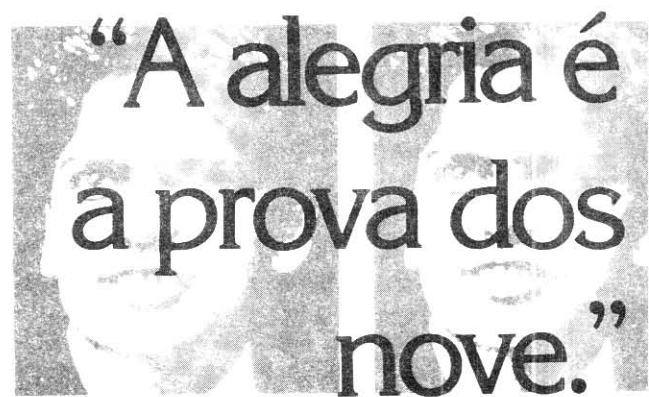
Tarefa heróica para quem já foi Irmão do Santíssimo, dançou quadrilha em Minas e se fantasiou de turco a bordo.

Seja como for, voltar para trás é que é impossível. O meu relógio anda sempre para a frente. A História também."

Rio, fevereiro de 1933.

Oswald de Andrade





“A alegria é
a prova dos
nove.”

BIBLIOGRAFIA

A bibliografia "oswaldiana" é vasta. Sugerimos aqui apenas os trabalhos que foram usados nesta coleção.

OBRAS DE OSWALD DE ANDRADE

Obras Completas — vol.2, "Memórias Sentimentais de João Miramar/Serafim Ponte Grande" (romances), 5ª ed., 1975 — vol.5, "Ponta de Lança" (polêmica), 2ª ed., 1971 — vol.6, "Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias" (manifestos, teses de concursos e ensaios), 1ª ed., 1972. — vol.7, "Poesias Reunidas" (poesias), 4ª ed., 1974 — vol.9, "Um Homem Sem Profissão: Sob Ordens de Mamãe" (memórias e confissões), 3ª ed., 1976 — vol.10, "Telefonemas" (crônicas e polêmicas), 2ª ed., 1976 — Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira S.A., coleção Vera Cruz.

Andrade, Oswald de — "Trechos Escolhidos" (por Haroldo de Campos), Coleção Nossos Clássicos, 2ª ed., Rio de Janeiro, Liv. Agir Editora, 1977.

REVISTA DE ANTROPOFAGIA — "Reedição da Revista Literária publicada em São Paulo — 1ª e 2ª "Dentições" — 1928 — 1929 — Introd. Augusto de Campos — edição fac-similar da "Revista de Antropofagia" patrocinada pela Metal Leve S.A., São Paulo, 1976.

SOBRE OSWALD DE ANDRADE

Pignatari, Décio — "Contracomunicação", texto "Marco Zero de Andrade" — Coleção Debates, nº 44, Ed. Perspectiva, SP, 1973 (2ª ed.)

Campos, Augusto de — "Pagu/Vida — Obra", SP, Ed. Brasiliense, 1982. (1ª ed.)

Andrade, Mário de — "Aspectos da Literatura Brasileira", 5ª ed., SP, Martins Editores, 1974.

D.Jackson, Kenneth — "A Prosa Vanguardista na Literatura Brasileira: Oswald de Andrade", Coleção ELOS, nº 29, Ed. Perspectiva, SP 1978. (tradução: Heloísa Nascimento Alcântara de Barros e Maria Lúcia Prisco Ramos)

Fonseca, Maria Augusta — "Oswald de Andrade: O Homem que Come", col. Encanto Radical, Ed. Brasiliense, SP, 1982.

Rodrigues, A.Medina/ A. de Castro, Dácio/ P.Teixeira, Ivan — "Antologia da Literatura Brasileira" (textos comentados), vol.II, "O Modernismo", SP, Marco Editorial, 1979.

Coleção: Grandes Artistas Brasileiros — "Tarsila", Círculo do Livro S.A. e Art Editora Ltda, SP, Brasil.

Cristina Fonseca, organizadora deste livro, tem 27 anos, nasceu em São Paulo, é formada em Letras pela USP, escritora e jornalista, e autora do livro *A Poesia do Acaso*. É também pesquisadora e organizadora dos livros *O Pensamento Vivo de Fernando Pessoa* e *O Pensamento Vivo de Jorge Luís Borges*.

Luiz Carlos Rufo, diretor da programação visual, é artista plástico autodidata, tem 31 anos e nos últimos 13 anos vem trabalhando no campo editorial, multimídia e realizando exposições de arte.

© Martin Claret Editores - 1987

Coordenação Editorial

Martin Claret

Assistente de Arte

Henrique Serrer

Arte-Finais

Rufo Estudio de Ilustração

Fotolitos

Bira'studio

Impressão e Acabamento

Artes Gráficas Guarú

Distribuição

Martin Claret Editores (Brasil)

Edições Anagrama (Portugal)

Revisão

Attílio Cancian

Composição

Helvética

Fotoletras

Takano

Martin Claret Editores Ltda.

Rua Alegrete, 62 - Bairro Sumaré

CEP 01254 - Caixa Postal 9897

Telefone: (011) 262-8144

São Paulo - SP

A disposição e apresentação de conjunto desta edição em suas características editorial, artísticas e a forma em que está disposta, são propriedade da **Martin Claret Editores Ltda.**, estando sua reprodução proibida por qualquer meio, sem a autorização por escrito dos editores.

Impressão no Outono de 1987 - São Paulo - Brasil

O Pensamento Vivo de

GALILEU

PRÓXIMO LANÇAMENTO!



Edição ILUSTRADA

Coleção

O Pensamento Vivo

Edição Ilustrada

Einstein

Chaplin

Freud

Picasso

Buda

Marx

Nietzsche

Gandhi

Da Vinci

Jung

Maquiavel

Darwin

Sócrates

Chardin

Welles

Guevara

Lennon

Galileu

Villa-Lobos

Glauber

F. Pessoa

Lenin

J. L. Borges

Oswald

Estes homens mudaram
o modo de pensar da humanidade.
Conheça-os e pense com eles e como eles.

